

Fraiano Calvão

SERTANEJAS

COM UM PREFACIO DE

Raymundo Corrêa,

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS,

EDIÇÃO DA IMPRENSA AMERICANA

FABIO REIS & C.

75 — Rua da Assembléa — 75

RIO DE JANEIRO

1898



SERTANEJAS

DE

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO



Traiano Galvão



SERTANEJAS

COM UM PREFACIO DE

Raymunda Corrêa,

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.



EDIÇÃO DA IMPRENSA AMERICANA

FABIO REIS & C.

75 — Rua da Assembléa — 75

RIO DE JANEIRO

—
1898

Ao Sr. Dr.

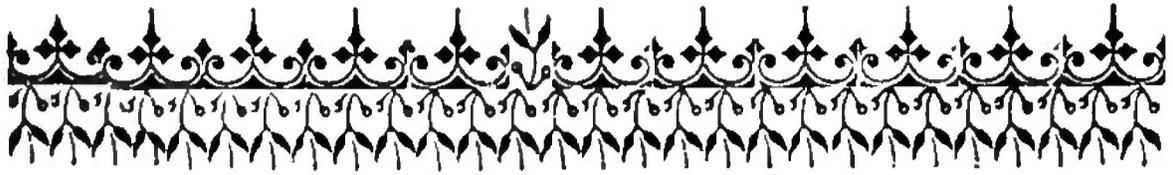
Ricardo B. F. Valle,

como mesquinha, mas sincera, homenagem às suas elevadas qualidades pessoais, de espirito e de eoração,

O. D. C.

Os Editores.

Rio — Novembro — 1898.



ADVERTENCIA

E' uma tentativa que fazemos, esta de offerer á apreciação dos contemporaneos os trabalhos litterarios de alguns espiritos de eleição da nossa terra, que, por circumstancias diversas, são pouco conhecidos e não devidamente estimados das nossas gerações que se vam succedendo no cultivo das lettras nacionaes.

Para estreia, escolhemos o saudoso poeta maranhense que — nas poucas linhas que deixou, escapas « ás chammas a que a desolada viuva, obediente á sua ultima vontade, lançou seos escriptos » — revelou-se « apurado cultor da bôa linguagem, purista desaffectedo, metrificador natural e correcto, respeitador da fórmula sem sacrificar o conceito para escravisar-se a ella, explorando na poesia brasileira uma veia quasi ignorada, ôu raro trabalhada *

*.—Juizo do Dr. Antonio Henriques Leal, ás pags. 210 do 2.º vol. do seo *Pantheon Maranhense*.

Si o favor publico nos ajudar, outras tentativas faremos no empenho patriótico de animar a mocidade estudiosa de nossa Patria a proseguir no caminho das lettras, que é o caminho do aperfeiçoamento crescente e progressivo.

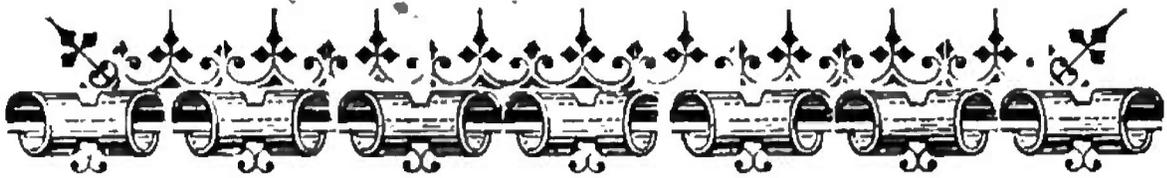
Ao velho mestre e emerito educador, cuja penna primorosa nem a avançada idade tem conseguido paralyzar—o SR. DR. PEDRO NUNES LEAL,—agradecemos o ensejo que nos proporcionou de editarmos a presente collecção de deliciosas canções e elegantes satyras,—verdadeiro mimo de gosto litterario e de linguagem vernacula.

E ao eminente poeta nacional, cujos versos primorosos são o orgulho da moderna geração litteraria no Brasil, —o SR. DR. RAYMUNDO CORREA,— confessamo-nos de publico penhorados pela gentileza com que se dignou de enriquecer esta edição, casando, ao nome saudoso do mallogrado conterraneo, o seu nome laureado de academico dos mais illustres.

Que distincção tal sirva, ao menos, de desculpa á tentativa, quiçá pretenciosa, d'este livrinho.

Os Editores.

Rio — Novembro — 1898.



PREFACIO

Eis aqui, em TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO, um verdadeiro poeta cuja biographia se poderia quiçá resumir em tres palavras, três simples verbos apenas; e os leitores sem duvida adivinham quaes sejam.

Certo eu não me contentára com dizer simplesmente que elle nasceu, poetou e morreu, se acaso me propuzesse agora escrever-lhe a biographia. Já disso se incumbiu em tempo, com louvavel desempenho, o DR. OSCAR LAMAGNÉRE LEAL GALVÃO, que supponho ser parente do poeta e que, se o não é, em todo o caso foi contemporaneo d'elle e mui de perto o conheceu.

Nascido em 1830 e fallecido em 1864, se a vida do illustre poeta maranhense não teve propriamente a curta duração de um meteóro, não se póde negar entretanto que quem, como elle, aos 34 annos morre, morre ainda moço, no pleno vigor da idade.

Ora, justamente 34 annos ha já decorridos desde 1864 até o presente, isto é, entre a data do fallecimento do poeta e a em que me foi dada esta ventura de ler os seus versos; e acho

ne-tes comtudo um ar de aprazivel novidade, o que, de qualquer modo, é um bom signal sempre, pois em materia de arte só o que é realmente bello tem o miraculoso privilegio de não envelhecer jámais de todo.

Naquelle tempo deviam andar muito em voga entre nós o BÉRANGER das *Canções* e o LAMARTINE das *Harmonias*, ou directamente, ou através de PALMEIRIM, de JOÃO DE LEMOS e de MENDES LEAL. Na geração litteraria que então florescia, em S. Paulo e no Recife, e a que pertenceu TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO, aquelles poetas é que davam o tom aos mais, naturalmente, como summidades que eram do romantismo triumphante na litteratura, nas artes e mesmo na politica da epocha.

Não é difficil encontrar vestigios d'isso nos versos do nosso poeta, porquanto em poesia, como de resto em tudo, ninguem se desobriga de obedecer mais ou menos estrictamente ao gosto e aos caprichos do seu tempo. Acima, porém, das escholas que decáem, como das modas que passam, paira o que se destina a ficar e a sobreviver a todas as convenções:— é o que não era convencional, mas espontaneo e sincero, é o sentimento que animava as fórmãs e as tornou palpitantes um dia, a alma, o espirito radioso de que as mesmas fórmãs não eram mais que simples vestes, poídas e desusadas hoje.

Em certas poesias de TRAJANO — como a *Crioula*, o *Calhambola* e *Nuranjan*, — si alguma cousa nos fizer recordar acaso o velho PALMEIRIM, que foi as delicias dos nossos predecessores,

.....

note-se que ha de ser unicamente esta monotona
toada da *Vivandeira*.

«*Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve o rufar do tambôr!*»

Mas como veiu tão bem a calhar, muito mais
do que alli, essa especie de verso, na *Crioula* do
nosso poeta:

«Sou captiva... qu'importa?... Folgando
Hei de o meu captiveiro levar!...
Hei de, sim, que o Feitor tem mui brando
Coração, que se póde amansar!...
Como é terno o Feitor quando chama,
A' noitinha, escondido co'a rama,
No caminho — ó crioula, vem cá!—
Ha hi nada que pague o gostinho
De poder-se ao Feitor, no caminho,
Faceirando dizer— não vou lá ?!...

«Tenho um pente, coberto de lhamas,
De ouro fino, que tal brilho tem,
Que raladas de inveja as mucamas
Me sobr'olham com ar de desdem.
Sou da roça; mas sou tarefeira...
Roça nova, ou feraz capoeira,
Córte arroz, ou separe algodão,
Cá commigo o Feitor não se cança,
Que o meo côfo não mente á balança:
Cinco arrobas—e a concha no chão!

«Ao tambôr, quando saíio da pinha
 Das captivas, e danço gentil,
 Sou senhora, sou alta rainha,
 Não captiva,—de escravos a mil!
 Com requébro a todos assombro,
 Voam lenços, occultam-me o hombro.
 Entre palmas, applausos, furor!...
 Mas, se alguém ousa dar-me uma punga,
 O Feitor de ciumes resmunga.
 Péga a taca, desmancha o tambôr.»

Excusado é transcrever aqui até ao fim o que pelo livro adiante se verá; mas as tres estrophes transcriptas só por si constituem — não vae sem que eu tambem o diga—uma das mais lindas e graciosas paginas de poesia lyrica genuinamente brasileira, bem que o gosto e o assumpto d'ellas pareçam já obsoletos, uma vez que escravos e feitores lá se foram felizmente com o regimen servil abolido.

Já, entre a *Lua de Londres*—essa obra prima do lyrismo portuguez, tão popular ainda—e a poesia *O Brasil*, de TRAJANO GALVÃO, as affinidades são mais intimas. A razão das affinidades pelas quaes se approximam tanto essas duas poesias, não se dira que esteja no simples facto de ter a primeira determinado a escolha das decimas na composição da segunda. Mas, deve esta áquella um pouco talvez da sua encantadora melodia, sendo esse pouco ainda assim o mais que lhe poderia dever, sem deixar de ser original, visto que a melodia é um elemento importante em composições de tal genero. E ahí se tem algo do que,

.....

á lyra de TRAJANO, emprestou a do romantico JOÃO DE LEMOS.

Todavia, o poeta portuguez, sob aquelle titulo *londrino* das suas sonoras decimas, o que realmente cantou, foi a lua do seu paiz com os pittorescos oiteiros e os murmurosos choupaes que ella banha, ao passo que o nosso poeta canta o grande sol de uma patria maior, vasto mundo ainda inculto, onde abríra os olhos á luz, e canta-o com o nervosismo e a ardencia de um verdadeiro filho dos tropicos.

Não foi por certo JOÃO DE LEMOS, nem PALMEIRIM, quem lhe ensinou a cantar, senão o sol e as flores e as brisas e os passarinhos da sua terra, que d'estes é que lhe veiu mais directamente a doce musica e a languida suavidade dos seus cantos. Tão lindos cantos, aprendeu-os o poeta com o sabiá gorgeador, com a pipira azul e com o rubro tatayrá, «orpheu das mattas,» como lhes chama elle ; isto, á hora queimosa do meio-dia e á sombra do páu-d'arco em flor, quando os machados, que trabalhavam na *derruba*, tombam inertes na lassidão do calor enervante e o silencio se estende sobre todo o «Roçado,» onde apenas querulamente a viração cicía entre as pindobas tremulas, ou balança de leve

do algodão os alvissimos capuchos...

Sobre os versos de TRAJANO, quantos reflexos projecta ás vezes esta natureza rica e magnificante da Patria, inexaurivel em dons de toda a especie ! Dá-lhes aqui um lampejo o nosso sol-de fogo ; alli, dão-lhes as grandes

selvas bravias um trêcho do seu verde esplendor e das opulencias da nossa Fauna e da nossa Flora uma nota lhes vêm colorida e vivaz; além, é o echo longiquo das cachoeiras ferventes que nelles rebôa; ou dos largos rios, muito mais caudalosos do que esse *Mearim*, a cuja margem risonha nascêra o poeta. E as exuberancias de uma natureza assim prodiga e maravilhosa inspiram-lhe a seguinte estrophe do *Calhambola*, em que os leitores como que experimentam satisfeitos uma verdadeira sensação de fartura :

«Tenho fome?... A palmeira se verga,
Seus coquilhos alastram o chão;
E, debaixo, a cotia se enxerga
Assentada, comendo na mão.
Se as entranhas se abrasam sedentas,
Tu, ó Terra, mil fontes rebentas
Como as fontes do leite á mulher!
Num terreno tão farto e maduro,
Quem lá pôde cuidar no futuro,
Quem de fome, ou de sêde, morrer?....»

E' um farto banquete de aguas e fructos e flores, descommunal festim que não cessa e para o qual não ha bastantes convivas ainda em todos os bilhões de seres que brotam ás irradiações da luz creadora e potente!

Dir-se-á que sobre este sólo ubertoso e feraz o proprio homem encontra sempre a sua mesa posta sem a necessidade de trabalhar e sem as apprehensões do amanhã.

.....

Parece que a vida ahi, como clara lympha em alveo de açucenas, deveria deslizar tranquillamente, descuidosa e feliz, sob o azul purissimo de um céu sem nuvens.

Comtudo, não menos que nos steppes gelados de hyperboreos climas, nesse paiz risonho de sol e flores, acharia jámais um poeta o seu paraíso.

Ao nosso poeta, não ha duvida, na partilha das cousas desta vida, coube um quinhão bem maior de agonias que de prazeres. Foi a musa pallida das tristezas e do lucto que o fez poeta um dia, no alvorecer da idade; e, para o deante, até o termo da sua não longa existencia, foi ella ainda que melhor e mais vezes o inspirou. No fundo escuro de uma das suas mais tocantes elegias, pareceu-me acaso ver destacar da sombra o perfil melancolico do poeta.

*«Era uma noite de medonhas trevas;
Eram as trevas de embastida matta;
Era um mancebo a meditar profundo
Co'a lyra em punho.*

Esta é a nota predominante na poesia de TRAJANO, qualquer que seja o thema dos seus cantos, mesmo quando a exaltação do patriotismo lhe faz pulsar a lyra com mais febril entusiasmo, como naquelle bello hymno a *Olinda*, em que se rememora a intrepidez e bravura do *Leão do Norte* a sacudir o jugo hollandez :

*Com balas e tucapes,
Espadas, fléchas rapidas,
Juncado o Guararapes
De Batavos ficou!...*

Admira, entretanto, que elle tambem compuzesse satyras, como a do *Naris Palaciano*, com ferina e cruel ironia? Não me lembra quem disse já, que a ironia é irmã da lagryma.

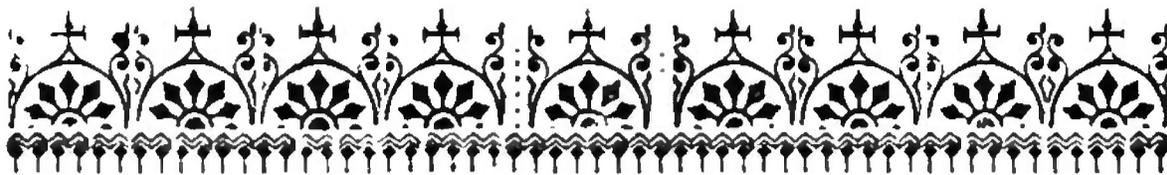
Mas, entre o céu eternamente azul e a terra eternamente verde, que o artista nos pinta, ha um ponto negro, que afeia a pintura:—é a escravidão, de que o sol de Sancta Cruz, ao dar-lhe de chapa, realça a hediondez!

A sorte dos miseros escravos impressionou, porém, vivamente a TRAJANO, alma de poeta, dotada da mais fina sensibilidade e aberta ás mais nobres e generosas emoções. Então, não sómente, da vasa immunda do esclavismo, arrancou elle a *Crioula*, essa joia litteraria a que ácima me referi, mas fez mais ainda: escreveu *O Natal*, *Nuraujan*, *Solão* e varias outras poesias que encerram vehementes protestos contra a instituição servil que deshonrava a Patria.

Pois que TRAJANO GALVÃO é anterior a FAGUNDES VARELLA e CASTRO ALVES, pôde-se dizer que elle foi um dos primeiros poetas que, entre nós, se fizeram valentes campeões do abolicionismo, votando com ardor o seu estro ao serviço d'essa idéa. E este é um dos seus mais apreciaveis titulos de gloria.

Raymunda Corrêa.

Rio—novembro — 1898.



TRAÇOS BIOGRAPHICOS

DE

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO



I.

De um beijo de Deus na natureza, sequiosa de amor, gerou-se a Poesia com todos os seus encantos e feitiços.

Atomo emanado da divina essencia, arremessado n'esse dedalo infinito, onde formigam os zoilos, que debalde tentam deslustrar-lhe a gloria, auréola fulgente que lhe cinge a fronte, — o Poeta nasceo em um delirio de amor, com o magico condão de arroubar-nos pela harmonia de sua linguagem melliflua e doce, cheia de imagens seductoras, que nos encantam e fascinam.

Sertanejas — Fl. 1.

Na-ce, porém, o Poeta como a rosa e como a rosa fenece: sua vida é tão fugace e semeada de cardos e espinhos que raros são os que alcançam ser a-signalados pela tuba canora da fama, porque morrem desconhecidos, já pela excessiva modestia que os caracteriza, já á mingua de protecção.

II.

Critico de fina tempera, poeta mimoso, philologo abalisado, — pertenceo TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO á pleiade brilhante de escriptores maranhenses, que, tão prematuramente colhidos na impia tarrafa da sceptica morte, legaram comtudo á sua terra natal um renome immorredouro, uma gloria invejavel.

O furacão da morte tudo offusca, tudo apaga e consome, menos a gloria, — aligera como o pensamento, — immensa como o oceano, — e eterna como Deus.

Deixou-nos TRAJANO GALVÃO poucos escriptos; mas, verdadeiras joias que vieram enriquecer a nossa litteratura, e que provam exuberantemente quão grande era o seu engenho, quão robustecida a sua intelligencia. E, si mais não fez o illustre maranhense, foi por excessiva modestia: vicio este que proviêra, talvez, do receio da critica, — não da critica sensata e fundamentada em dados firmes e certos, — mas da critica leviana e superficial que, força é confessar, desgraçadamente

.....

médra com demasiado vigor em o nosso paiz : critica essa que — á medida que deprime e desprestigia uns e eleva e realça os brilhos de outros, que, ás mais das vezes, não passam de soffríveis menestreis e talentos vulgares — vae inoculando no seio da mocidade, ávida de luz, juizos erroneos que lhe deturpam o gosto acanhando-lhe a intelligencia.

III.

Corria mansamente o anno de 1830, quando no dia 19 de Janeiro, — na hora em que a Poesia scintilla na gôtta do orvalho, cicía nas azas da briza e rumoreja no calice da florinha, e em que a aurora, açoitando as trevas, destende seo manto purpurino por sobre a terra e cõa seos raios multicôres nas abértas da floresta — nasceo, na *Fazenda Carcavellos*, sita á margem do *Mearim* *, TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO, respirando, ao ver a casta luz do dia, o ar impregnado do aroma das flores, e casando ao mesmo tempo os seus vagidos com os gorgeios dos passarinhos — verdadeiros cantores d'aquelle logarêjo.

Como é encantador o Mearim !... Como é deslumbrante a perspectiva que ahi se gosa ! Que de arvores gigantescas no meio da floresta ! Aqui, um cédro annoso ameaça topetar com o céu ; alli, ergue-se sobranceiro o jequitibá coroado

— Um dos grandes rios navegados do Maranhão.

de parasitas e entrelaçado de liames; acolá, o páo-d'arco verga-se ao tumido sôpro do vendaval e arca açodado com o raio devastador; além, o igarapé muze, serpeia por entre seixinhos, indo depois perder-se no seio uberrimo de uma matta virgem...

Ali, quando a natureza sopitada desperta ao frouxo bruxulear do sol que nasce, a alma do vate adêja languidamente nas macias azas da Poesia; engolfa-se no azul infinito dos céos e de balde tenta sondar os arcanos da Providencia.

IV.

Alegre, lhano e galhofeiro, crescia TRAJANO no meio de uma aprazivel, quão luxariante natureza, quando sua mãe o levou consigo para estudar em Lisboa, onde esteve cerca de quatro annos.

Foi d'ali mandado para S. Paulo, onde passou dois annos, e veio depois para Pernambuco, e ahi rematou os seus fatigantes e laboriosos estudos, fórmándose em sciencias juridicas e sociaes.

Saudoso da patria, das florestas que o viram nascer, da aragem que docemente o embalara no berço,—regressou ao *Mearim*, onde passara os tão felizes dias da sua meninice.

Longe do borborinho da cidade, retirado da arena litteraria, onde era um dos mais conspicuos campeões, vivia TRAJANO, modesto e sem

ambições, no *Alto-Mearim*, quando a 14 de Julho de 1864 a parca impiedosa veio arrancal-o dos braços de sua adorada esposa a quem estremecia mais que á propria vida.

Não teve, como outros, lapida mimosa, onde gravado fosse o seu nome em caracteres de ouro. Modesta campa cobre-lhe os ossos, singela cruz e ramos verdejantes ornam-lhe o leito onde a morte habita.

V.

Foi na risonha e pittoresca cidade de *Olinda* que o poeta, vibrando as maviosas cordas da lyra, escreveo as suas mais mimosas composições.

Sua musa, caprichosa e fugitiva, óra se apresenta alegre, jocosa e faceira na *CRIOLA* — onde o poeta se revéla digno émulo de Beranger; óra, lançando as vistas por sobre as tristes scenas do captiveiro, lavra um protesto solemne, em nome de Deus e da Liberdade, e escreve o *CALHAMBOLA* — quadro magestoso, onde está pintada, com as mais vivas côres, a vida que passa um pobre captivo no seio embastido da adusta floresta; outras vezes, embuçado no denso velamen da tristeza, ella solta um grito de dôr, de compaixão e dó, e produz a *NURANJAN* — perola de lyrismo

e frescura, doce almêjo da liberdade vilipendiada, qual flôr mimosa que exhala aromas e em cujo calice a aspide se aninha.

Primam as suas poesias, não só pelo lyrismo que as imbebe e esmalta, senão também pela escolha e magnitude do assumpto.

Além das poesias já citadas e de outras muitas que existem esparsas em varios jornaes, nas *Tres Lyras*, no *Parnaso Maranhense* ¹, com as quaes o poeta mimoseou a nossa tão empobrecida litteratura, nem uma sobresâe tanto como o *Nariz Palaciano*, satyra escripta ² com muito chiste, primor e delicadeza de estylo, em que o poeta estigmatiza e cobre de ridiculo o costume vergonhoso e sórdido de incensar cada novo presidente á sua chegada, pôsse e installação,—costume este que ainda se observa em quasi todas as nossas provincias.

Ahi o poeta mostra-se claramente habil manejador do poderoso lapis de Gavarni, e lido e aproveitado discipulo de Juvenal.

VI.

Não foi só, porem, como poeta que TRAJANO manifestou o seu invejavel talento; possuímos d'elle também um ³ bem elaborado quão primoroso trabalho—*O juizo critico sobre as Pestillas do cru-*

1.— Todas reunidas agora neste volumesinho.

2.— Vid. nota A, no fim do volume.

3.— Vid. nota B, no fim do volume.

.....

dito maranhense Francisco Sotero dos Reis. De estylo ameno e agradável, escripto com gosto e animação, de linguagem correcta e fluente, traçado por mão de mestre.—seria digno, por certo, esse trabalho da penna sublime de A. Herculano — o immortal cantor do *Eurico*.

Já não se nóta ahi sómente o contemplativo e meditabundo cantor da *Nuranjan*; mas, o critico sensato, o juiz recto e severo que se patenteia marcando, com o cunho vigoroso do seu enriquecido e fecundo engenho, a senda que o escriptor deve seguir e os escolhos que deve evitar nos grandes embates da intelligencia contra a ignorancia.

Basta citar um pedaço d'essa bella prosa — que só ella seria assás sufficiente para immortalizar o nome que a rubrica, — para que me não acoimem de exagerado e parcial :

«A obra que se faz publica na imprensa é, senão excepcional, de mui raras antecedencias nos prélos do Brazil, que, força é dizel-o, não se fatigam demasiado em reproduzil-as tão bem pensadas e primorosamente escriptas.

«Resumida no volume, porém, grande no alcance litterario e scientifico, opulenta dos thesouros de uma erudição vasta e recondita — bebida em leitura mui de espaço e variissima, é vasada nos mais puros e elegantes moldes do estylo terço dos classicos.»

Abalançando-me a tratar de um trabalho tão melindroso, quão delectavel assumpto, como este e realmente, não tive em mira outra preunção, não visei outro fim, senão o de — revolvendo as cinzas de um vulto adormecido — não só realçar os brilhos de um talento vigoroso e fecundo, roubado tão prematuramente á patria, e lançado desde logo no abysmo do olvido, quando a lisongeira esperança lhe sorria tão meigamente acenando-lhe o verdadeiro norte que deve guiar a intelligencia na senda escabrosa do progresso, mas levar tambem a minha pedra, si bem que bruta e mal lapidada, para servir no alicerce do monumento que, talvez mais tarde, — a Posteridade agradecida lhe erigirá.

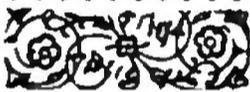
DR. OSCAR LAMAGNÈRE LEAL GALVÃO.

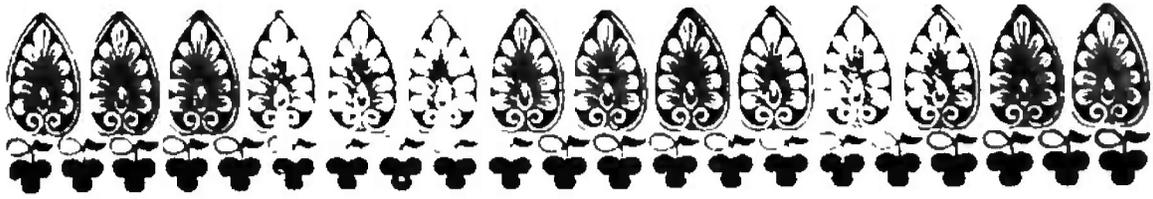
(Do n. 4 do *Centro Academico*, de 30 de Julho de 1872, Rio de Janeiro).





POESIAS ORIGINAES





O BRASIL

Imperium sine fine

VIRGILIO.

Porque gemes, porque choras
Tão triste assim, meu Brasil?
Porque nos lábios demoras
Esse sorriso febril? . . .
N'alma te peza algum crime,
Seu ferrete vil te imprime
Na fronte remorso atroz?
Cuspiram-te alguma injúria,
Algum Néro, acceso em fúria,
Infame jugo te impoz? . . .

Quem offusca a formosura,
Que te enfeita o lindo céo,
Onde se estampa e fulgúra,
Da lua a face sem véo? . . .
Quem traja tantos verdores,
Quem tem mais lindos amores,
Quem mais garbo e louçanias?
Porque, pois, te quedas triste,
Porque — tão ledos! — banniste
Os sorrisos que sorrias?

Cobra alento, sus, avante!
Deixe esse lucto, essa dôr...
Meu Brasil, és um gigante,
Mas no berço e sem vigor:
És aguia inda no ninho,
Que do pico, aos céos visinho,
Não arrosta a luz do sol;
És um astro no nascente
A brilhar mui frouxamente
C'ô a frouxa luz do arrebol!...

Mas, esse astro que fulgura
Com mui tenue, escassa luz,
Que apenas na face escura
Da noite t'ibio reluz,
Ha de, em éstos referventes,
De fogo vasar enchentes,
Hade o mundo deslumbrar:
Como o cometa, que em Roma,
Saccudindo fêro a coma,
Veio o mundo ameaçar!...

Mas essa aguia, tenra, implume,
Que inda não sabe voar,
Que do sol o vivo lume
Não pôde firme fitar;
C'ô o fragor da tempestade,
As azas batendo, ha de
Junto ao sol ir se aquecer;
Ha de, as azas disferindo,
A luz do sol encobrindo,
Ha de o mundo escurecer!...

Mas o gigante impotente,
Infante e sem robustez,
Como o Arcanjo luzente,
Que o Rebelde tem aos pés,

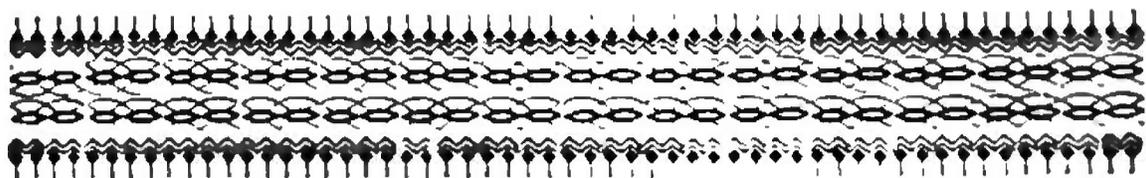
.....

Ao mundo, que aos pés lhe treme,
Que em negra borrasca freme,
Com desmedido fragor,
Dirá, batendo no peito :
« Eis-me aqui, rende-me preito . . .
Eis-me aqui, — sou teu senhor! »

Eia, pois, esmalte o riso
Os lábios que a dor crestou! . . .
C'o um munifico sorriso
Deus p'ra muito te creou !
Que nação teve um começo
Tão grande, de tanto apreço,
Tão subido . . . tanto assim ?
Si não dormes respeitado
Á sombra do teu passado,
— Tens um futuro sem fim.

Olinda. 1850.





O CALHAMBOLA



Aqui, só, no silencio das selvas,
Quem me póde o descanso vedar?
Durmo á noite n'um leito de relvas,
Só a aurora me vem despertar.
Ante a onça, que afoita anda a corso,
Mais afoito, meos passos não torço,
Nem é dubia uma lucta entre nós.
O bodoque a vez suppre da bala,
Toda a matta medrosa se cala,
Quando rujo medonho na voz.

Tenho fome?... A palmeira se verga,
Seus coquilhos alastram o chão;
E, debaixo, a cotia se enxerga
Assentada, comendo na mão.
Si as entranhas se abrasam sedentas,
Tu, ó Terra, mil fontes rebentas,
Como as fontes do leite á mulher!
N'um terreno tão farto e maduro
Quem lá póde cuidar no futuro,
Quem de fome, ou de sêde, morrer?...

Nasci livre, fizeram-me escravo;
 Fui escravo, mas livre me fiz.
 Negro, sim: mas o pulso do bravo
 Não se amolda ás algemas servis!
 Negra a pel, mas o sangue no peito,
 Como o mar em tormentas desfeito,
 Ferve, estúa, referve em cachões!
 Negro, sim: mas é forte o meo braço,
 Negros pés, mas que vencem o espaço,
 Assolando, quaes negros tufões!

Negro o corpo, afinou-se minh'alma
 No soffrer, como ao fogo o tambor:
 Mas, altiva reergue-se a palma
 Com o peso, assim eu com a dor!...
 Como a lingua recolhe, pascendo,
 Tamanduá, de formigas fervendo,
 Tal de açoites cingiram-me os rins:
 E eu bramia, qual onça enraivada
 Em um circo de leves mastins.

Eu bramia, porém não chorava,
 Porque a onça bramio, não chorou;
 Membro a membro meu corpo quebrava,
 A vontade, ninguem m'a quebrou!...
 Como reina a mudez na tapéra:
 No meu peito a vontade é que impéra:
 Aqui dentro, só ella dá leis.
 Si commetto uma empreza gigante
 Co'o bodoque, ou co'a flecha talhante,
 A vontade me brada — podeis!

Oh! que sim!... estes hombros possantes,
 Digno assento da frente de um rei,
 Não m'os hão de sulcar vis tagantes
 Nunca mais... nunca mais, — que o jurei!

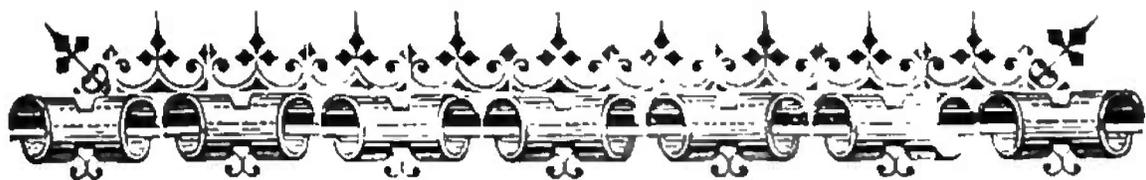
O homem forte, que brada aos verdugos :
« Guerra, guerra, ou quebrai-me estes jugos »,
Tem um echo, tem voz lá no céu.
O que a Morte não teme,— eis o forte;
E, mal basta o temer se da Morte,
Quem na vida tormenta correo.

Outros ha, cujo peito abebéera
O temor, como ao peixe o tingui:
Oh! meu Deus!... oh! poder que eu podéra
Accendel-os n'um raio de mi!...
Este sangue, em que bolha o insulto
De um covarde nas veias inulto,
Não corrêra, ou vasára-o no chão!...
Mas eu só... Maldição sobre a escrava
Que o filhinho p'ro jugo aleitava;
Sobre ti, minha mãe, maldição!

Vivo só... pouco fundem meus brios
Contra o numero e a força brutal;
Invios mattos, occultos desvios
Não me offerecem guarida cabal!
De que vale ao páu-d'arco a rizeza
De seu tronco, que o ferro despreza,
Quando o céu vibra raios a mil?...
Oh! si cáe... toda a matta retumba!
Pouco importa que o bravo succumba
Quando a morte é briososa e viril!...

Olinda — 1854.





A CRIOULA

.....

Sou captiva... qu'importa?... Folgando
Hei de o meo captiveiro levar!...
Hei de sim, que o Feitor tem mui brando
Coração, que se póde amansar!...
Como é terno o Feitor quando chama,
A' noitinha, escondido c'a rama,
No caminho — ó crioula, vem cá!—
Ha hi nada que pague o gostinho
De poder-se ao Feitor, no caminho,
Faceirando, dizer — não vou là?...

Tenho um pente, coberto de lhamas,
De ouro fino, que tal brilho tem,
Que raladas de inveja as mucamas
Me sobr'olham com ar de desdem.
Sou da roça; mas sou tarefeira...
Roça nova, ou feraz capoeira,
Córte arroz, ou apanhe algodão,
Cá commigo o Feitor não se cansa;
Que o meo côfo não mente á balança:
Cinco arrobas — e a concha no chão!

* Vid. nota C no fim do volume.

Ao tambôr, quando saíio da pinha
 Das captivas, e danço gentil,
 Sou seahora, sou alta rainha,
 Não captiva, — de escravos a mil!
 Com requibros a todos assombro.
 Voam lenços, occultam-me o hombro,
 Entre palmas, applausos, furor!...
 Mas, si alguém ousa dar-me uma punça,
 O Feitor de ciúmes resmunga,
 Péga a taca, desmancha o tambôr!

Na quaresma, meo seio é só rendas,
 Quando vou-me a fazer confissão;
 E o vigario vê cousas nas fendas,
 Que quizêra antes vel-as na mão...
 — Senhor padre, o Feitor me inquieta:
 E' peccado?... — Não, filha, antes peta...
 — Gosa a vida... esses mimos dos céos,
 E's formosa — ... E nos olhos do padre
 Eu vi cousa que temo não quadre
 Co' o sagrado ministro de Deus...

Sou formosa... e meos olhos estrellas
 Que traspassam negrumes do céu:
 Attractivos e fórmas tão bellas
 Pr'a que foi que a natura m'as deo?
 E este fogo, que me arde nas veias
 Como o sol nas ferventes areias,
 Porque arde?... Quem foi que o ateiou?...
 Apagal-o vou já, — não sou tòla...
 E o Feitor lá me chama — ó crioula,
 E eu respondo-lhe branda — já vou.

Mearim, 7 — Setembro — 1853.





A MORTE

AO DR. J. RAYMUNDO DE CARVALHO

Deslaçae-vos do peito, que abafa,
Minhas lagrimas tristes, correi!..
Colhe a morte, co'a impia tarrafa,
Um a um, minha misera grey...
E minh'alma de dores se veste,
Qual de folhas o triste cypreste,
Que entre os mortos raizes prendeo.
Foi por terra sem força minh'alma,
Como a flôr nos ardores da calma,
Desherdada das chuvas do céu!...

Como é triste na selva a tapéra
Solitaria, do dia ao tombar :
Como é triste o roçado onde impéra
O silencio, alta noite, ao luar :
Como é triste do tronco o gemido,
Do machado incessante mordido,
Quando immenso baqueia no chão :
Como é triste, no meio da matta,
Velha cruz que algum crime delata :
— Assim triste é o meo coração!!

Eu vi na margem garrula
De uma róça e-perançosa,
Mais mimoso que uma rosa,
Debil tronco a tremular:
Assentei-me á sombra tremula,
Por fugir do sol aos lumes:
Aspirei doces pertumes
Como nunca hei de aspirar!...

Ao redor da gentil arvore
Suspirava a surarina,
E na areia branca e fina
Vem lavar-se a pequapá:
Pelas folhas passa rapida,
Repetindo, a meiga briza,
Doces cantos, que improvisa
Lá da matta o tatayrá.

Quando o sol se apruma esplendido
Brilhando na floresta,
Branda sombra o tronco empresta
Aos renóvos sem vigor:
Semelha o tronco sollicito,
Quando ensombra os seus renóvos,
Meiga pomba que a seus ovos
Dá do peito almo calor.

Mais além, tenras vergontes
Ao debil tronco se arrimam,
Co'a mesma seiva se animam,
Nascem da mesma raiz:
Oh! meu Deus, como era placido
Tal viver, tanta harmonia!
Viver do céu parecia
Este viver tão feliz!

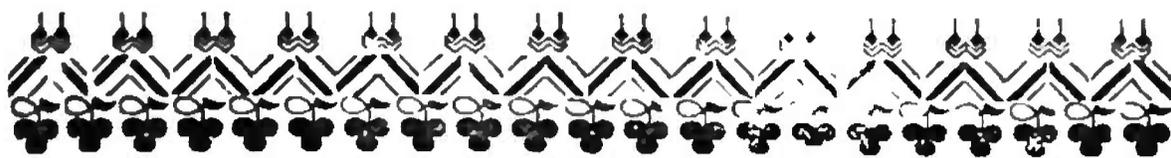
.....

E o tronco lá jaz debruçado e sem folhas
Que a morte impiedosa á raiz lhe pousou;
E os fracos renóvos se mirram, definham,
Que as tenras folhinhas o sol já crestou!

Deslaçae-vos do peito, que abafa,
Minhas lagrimas tristes, correi!...
Colhe a morte, co'a impia tarrafa,
Um a um, minha misera grey...
E minh'alma de dores se veste,
Qual de folhas o triste cypreste,
Que entre os mortos raizes prendeo.
Foi por terra sem força minh'alma,
Como a flôr nos ardores da calma,
Desherdada das chuvas do céu!...

Olinda—Março, 1853.





N UM ALBUM

Era uma noite de medonhas trevas,
- Eram as trevas de embastida matta.
Era um mancebo a meditar profundo
Co'a lyra em punho.

E mil serpentes ao redor silvavam,
E, aos roucos brados da borrasca irosa
A onça casa, de faminta e seva,
Aspr'os rugidos.

E ao sibilar do furacão respondem
Os tristes ais do combalido tronco,
Que abate logo aos importunos pios
Do môcho triste.

E o céu bramia temeroso e ferreo,
Vibrando raios entre mil relampos,
E a terra treme, como um réo de crimes
Ante os juizes.

Era a procella a requintar horrores!...
E á luz do raio, que incendeia a matta,
Era o mancebo a meditar profundo
Co'a lyra em punho.

Dizia o bardo, com a voz sonora
 Os sons mesclando da divina lyra:
 «Mais densas trevas, mais ferrenha noite
 Pesam-me n'alma.

Cerrou-se a noite no meo peito eterna...
 Foi céu d'amores, mas agora inferno:
 Não ha manhan, que lhe adelgace as trevas
 Com ledas côres.

Negras procellas contrastei seguro,
 Como um rochedolá no mar da vida,
 Ondas e ondas de invejozas torpes,
 Doidas surgiam.

Trilhei co'a planta venenozas serpes,
 Que brota e seva o coração do reprobó.
 Mais vis que as tuas, teem mais negra baba.
 Sonora matta.

« Ouvi sem mêdo a prepotencia injusta,
 Raivando insana contra o pobre bardo,
 C'roadas onças contra mim bramiram,
 Com duro cenho.

« Mas, ai!... que ao bardo tantas luctas, tantas,
 Das mais aolivel arrastaram-lhe a alma,
 Murchos amores, combatidas crêņas
 Gelam-lhe o éstro...

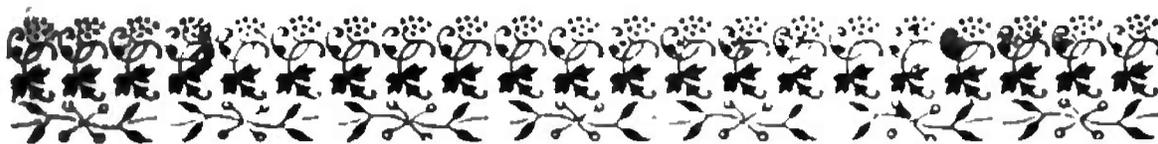
« Cerrou-se a noite no meo peito eterna...
 Foi céu de amores, mas agora inferno:
 Não ha manhan, que lhe adelgace as trevas
 Com ledas côres.....

E o céo bramia temeroso e ferreo
Vibrando raios entre mil relampos.
E a terra treme, como um réo de crimes
Ante os juizes.

Era a procella a requintar horrores !...
E á luz do raio, que incendeia a matta,
Era um mancebo a meditar profundo
Co'a lyra em punho.

7 — Agosto — 1853.





NO ROÇADO

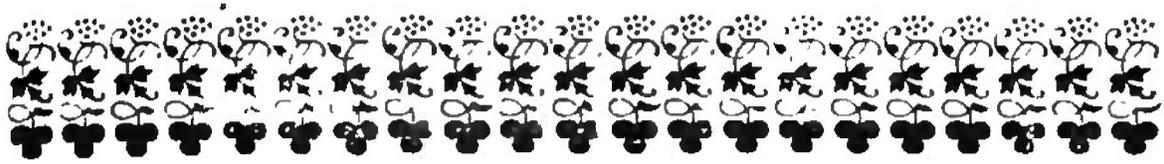
.....

Raios de fogo dardejava a prumo
O rei da luz; do tijupar ao longe
Com a briza a pindoba ciciava ;
Do algodão os alvissimos capuchos
Entre o verde das folhas refulgindo
Como annel ao redór se retorciam
De perlas embutido, e de esmeraldas :
O sabiá plumoso, a azul pipira,
O rubro tatayrá — orptheo da matta—
Mudeciam dos galhos entre as folhas:
A' sombra do páu-d'arco biflorente
Na branca areia a meiga sururina,
O lugubre mutum, a siricóra,
E a terna pecuapá despem a calma
E o silencio da matta, a morna briza,
O 'garapé visinho, que murmura,
Das arvores a sombra preguiçosa,
Da cigarra a monotona cantiga
E o fôfo leito do arrelvado sólo,
Teem um não sei quê, tão suave e brando
Que filtra-se nos membros, québrea as fôrças,
E nos convida ao repousar da sésta.

Profundo era o silencio. E os machados
Que alternos soam na derruba ingrata
Do proximo roçado, descansavam.
Nem da palmeira a sibilante quêda,
Nem do páu-sancto que rechina e treme,
Nem da aroeira que o machado morde,
O ruidoso cahir, que a terra abala,
O silencio quebrava da floresta.
E' que do tijupar o pobre sino
A' pura refeição chama o escravo.



— Esta bellissima poesia parece ter ficado por concluir.



A ARVORE AMERICANA

Nos cerros viçosos da America extensa
Uma arvore gigante brotou e cresceu:
Arreiga na terra profundas raizes,
Seo tópe ás alturas aspira do céo!...

No tronco, nos ramos, a seiva lhe ferve,
Qual sangue nas veias do joven tupi;
Innoxia da vida acenava ás procellas
Dizendo orgulhosa: — arrancae-me d'aqui!

Mil aves nos ramos mil cantos teciam
C'o a briza palreira que as vinha embalar.
Os dardos do sol despontava acintosa,
Mil tribus á sombra se vinham sentar.

Crescia... crescia; — mas, lá do occidente
Esquadra feliz, que a tormenta esgarrou,
Os olhos acaso volvendo depara
C'o a pobre; e, sorrindo, á raiz lhe poisou.

Guerreiros que de aço seos membros vestiam,
Que trazem nas mãos temerosos trovões,
As aves perseguem nos ramos mais altos
Acossam as tribus por invios sertões.

Quiz Deus que os guerreiros os gladios trocassem
 Por curvas enchadas de inglorio suor;
 Que o peito do bravo pulsasse colono,
 Não ausos de gloria, mas do ouro o fervor.

E a planta crescia; — referve-lhe a seiva,
 Qual sangue nas veias do joven tupi;
 E diz o colono: — «teos fructos e sombra
 Não são mais das tribus — são só para mi. -

C'o os membros dispersos das profugas tribus
 Pizados, infectos, lhe esterca a raiz:
 De muros a cinge, ferrenhos, avaros,
 Que a furtem aos olhos de estranho paiz.

No tronco lhe enxerta borbulha africana,
 E o clima em veneno o enxerto volveo;
 E o tronco definha, rachytico pende,
 Qual indio que a serpe raivosa mordeo.

E os filhos nascidos á sombra das ramas
 Erguêram-se um dia, — o colono fugio:
 Regado com sangue de peitos briosos,
 O morbido tronco de novo florio.

No tronco, nos ramos, referve-lhe a seiva,
 Qual sangue nas veias do joven tupi:
 Innoxia da vida sorri ás procellas,
 Dizendo orgulhosa: — «arrancae-me d'aqui».

Mas, ai!... que esses filhos, que amal-a deveram,
 Cercando-a, piedosos, de amor filial,
 Por causa dos fructos famelicos travam
 Sacrilega lucta incessante... inda mal!...

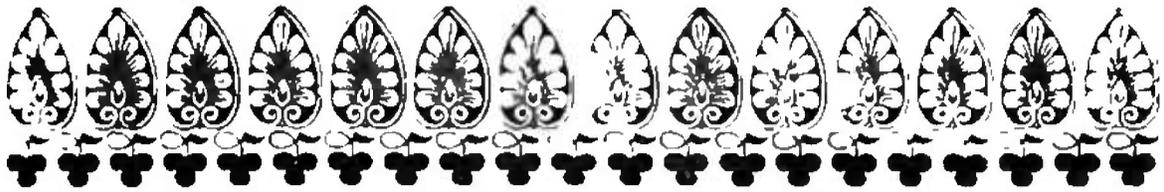
.....

Em vez de a regar com o suor de seu rosto,
Regaram-n'a, impios, de injusto suor,
E o peito do bravo já pulsa colono,
Não ausos de gloria, mas do ouro o fervor.

E todos almejam sentar-se no tópe,
E improvidos chamam as iras do céu :
E o tronco definha, rachytico pende,
Qual indio que a serpe raivosa mordeo!...

Olinda — 1852.





O NATAL

N'este tempo, em minha terra,
No meo patrio Meary,
Reverdece a erguida serra,
Folga a matta, o prado ri.
De novas flores se arreia
O páu-d'arco que alanceia
Vaidoso as nuvens do céo:
E o ledo canto que a briza
Nos silvedos improvisa,
Diz que Christo hoje nasceo!...

Já o sol a luz declina
Por detráz da matta agora,
Já suspira a sururina,
Canta em côro a siricóra:
Já desce a sombra do morte,
Já nas orlas do horisonte
Pallida estrella reluz:
E ao collo da noite escura
Branda a tarde se pendura
Fulgindo com dubia luz.

Eis que o crepusculo desata
Seo raro manto nos céos,
Punge a saudade, e da matta
Erguem-se hosannas a Deos!
Do rio na borda falsa,
Na tecida e densa balsa,
Geme a terna pequapá:
E aos carmes que a briza tece
Junta o canto, que intristece,
Magoado o sabiá.

E' a saudade um composto
De encontradas sensações;
Do crepusculo traz no rosto
Buriladas as feições;
Que o crepusculo e a saudade
Teem ambos a mesma idade,
Nasceram de um só nascer;
Ata aquelle o dia á noite,
A saudade um mesmo açoite
Faz da dôr e do prazer.

Tudo lá respira festa
Singelez, ledice, amor,
A captiva já se apresta,
Afina a chamma o tambôr:
Eis se fecha a vasta roda,
Já começa, á patria moda,
Tosco e barbaro folgar:
Tambôr sôa, a onça ruge,
D'além os echos estruge
Do negro o rude cantar.

Co'o tambôr a mente aturdem,
Esquecem que escravos são:
Que saudades ali surdem
Do tambôr ao coração!...

.....

Folgam, miseros!... nos ferros,
No seo rispido desterro,
Co'o folgar do seo paiz!...
Nem sentem no ledó peito
Tropellado o seo direito
A pesar-lhe na cerviz!..

Assim festejam captivos
O que os ferros nos quebrou,
O que, trilhando os altivos,
O home ao homem nivelou!...
E que haja quem, protervo,
Rasgue injusto com vil nervo
As carnes a seo irmão,
Que a liberdade lhe matte,
Que lhe a vida desbarate,
E que se chame—christão! !...

Nasceo Christo hoje na palha,
E morreo morte de cruz,
Para que além da mortalha
Nos lumiasse outra luz ;
Tragou insultos, affrontas
Çacaladas, ferreas pontas
Deixou no peito imbeber ;
Abrevou-se de vinagre ;
Póde fazer um milagre,
Porém quiz antes soffrer...

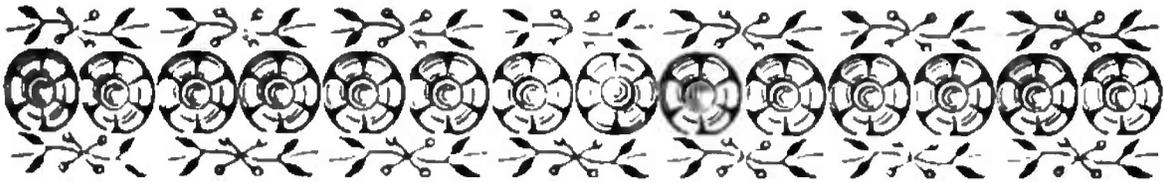
E divagam, redea solta,
Os crimes á luz do sol,
Toda a terra anda revôlta,
Areada, sem pharol...
Conculca o impio sem susto
A nobre frente do justo,

Suffoca-lhe a grande voz :
Já parece que o remorso,
Que dos vícios anda a corso,
Corrompeo-se como vós!!!

Agora, agora nascido
E já pregado na cruz! ...
Oh! meo Deus, de ira vestido
Cospe-nos raios a flux...
Tu, que mil mundos fizeste,
Desmantéla, arraza este,
Evoca um mundo melhor,
Varre, extingue a raça humana
E este mundo, que se damna,
Como fizeste a Gomhor !....

Olinda, 25—12.º—1852.





N UM ALBUM

.....

A vida é ladeira cançada, enfadosa,
Que hemos, gravados co'a cruz, de vingar;
E' agua barrenta de fonte lodosa,
Que os duros cuidados não deixam sentar.

Espelho impañado co'o bafo da morte,
Que incertas venturas nos pinta infiel;
Estrella que a nuvem, correndo do nórté,
Aos olhos esconde do pobre baixel.

E' flor melindrosa, que pouco se inviça,
Nas orlas da campa ferrando a raiz,
E perde o perfume, d'espinhos se arriça,
E pende na terra o já murcho matiz.

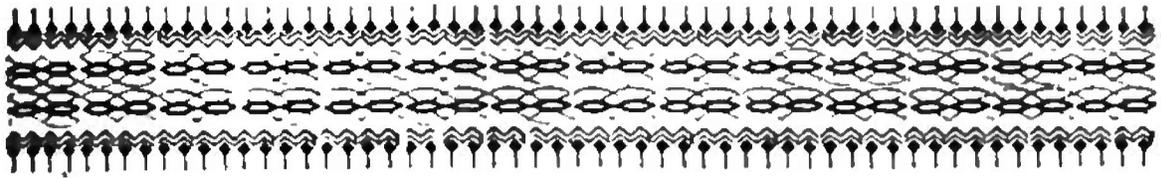
E, pois, com o peso da cruz não verguemos
Na senda difficil do asp'ro alcantil;
As aguas da vida ao Senhor presentemos
Bem claras, coadas, em limpo gomil.

O espelho retrate, sem manchas, noss'alma,
Tão pura, tão bella, qual Deus nol-a deo ;
Que a nuvem desfaz-se, a procella se acalma,
E brilha serena a estrella no céo.

E, pois, que é forçoso que a rosa descáia
Do mundo nas lides, nos seos furacões,
Releva que ao menos crestada não cáia
Do halito impuro de torpes paixões!

Olinda—Agosto — 1852.





DECEPÇÃO

.....

Eu dizia—ai ! nescio que era—
E eu dizia no meo coração:
—Esta vida, vivida na terra,
E' de risos fagueira estação,
E' um trémulo céo de folgares,
E' um sonho continuo de amores,
E' perfume de roseo botão ! . . .

Como estrellas na lucida coppa
Lucitremem da noite co'a voz,
Como batte na rapida pôpa
Uma vaga, outra, e outra, outra apóz,
O prazer ao prazer se encadeia,
A ventura á ventura ladeia
E se enlaçam em rigidos nós ! . . .

E eu me disse :—fruamos a vida,
Esse sonho sonhemos de amor ;
E na haste que aos ventos trepida
Da ventura colhamos a flor.
E ainda tenro, com lubricos passos,
Enredei-me do mundo nos laços,
Como a pomba nas unhas do açor.

.....

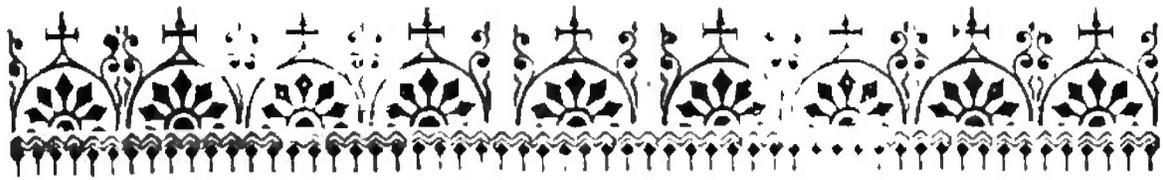
Cada vaga que ao longe luzia
Coroadada de espuma, entre mim
— O prazer ali vem, eu dizia,
Ah! gozemos, gozemol-o emfim!—
E eu nadava com mais afoiteza;
Mas, vaga que á vaga reveza
Era sal, era travo ruim! . . .

Oh! prazer, oh! dulcissimo engano,
Do remorso antegosto falaz,
Da sereia és o canto inhumano
Que deleita, que naufragos faz;
E's sorrisos em labios traidores,
E's caminho juncado de flores,
Onde a serpe se occulta sagaz.

E, qual aguia que, as azas colhendo,
Sobre a preza de subito rue,
E as venturas, que vae-se tecendo
N'alma, rasga, dispersa, destrue,
Desengano cruel d'este geito
Impias garras ferrou-me no peito...
E os meos sonhos?... ai! nescio que eu fui!...

Mearim--1851.





A' MORTE

DE

J. PINTO LISBOA

.....

Quando na matta, no silencio augusto,
O tronco annoso, que no chão baqueia,
Dá um gemido prolongado, immenso,
Lugubre, surdo,

A matta treme, mas o som se estingue
Por entre os ramos; porque o velho tronco
Nasceo, florio, fructificou donoso
Cumprio seu munus.

Mas, quando a flor, que vicejou nas selvas
Sem nome, agreste, mas singela e pura,
Se nos depara — inda botão — cahida,
Pallida, murcha ;

Quando os perfumes que o botão guardava
 Dentro do seio—como em cofre d'ouro—
 Ahi se gelam, como o éstro ao bardo
 Morto em agrção ;

Quando o botão, cujo destino fôra
 Pompear nos prados, refulgir nas aras,
 E ornar da virge' as perfumadas tranças,
 Murcha na lama ;

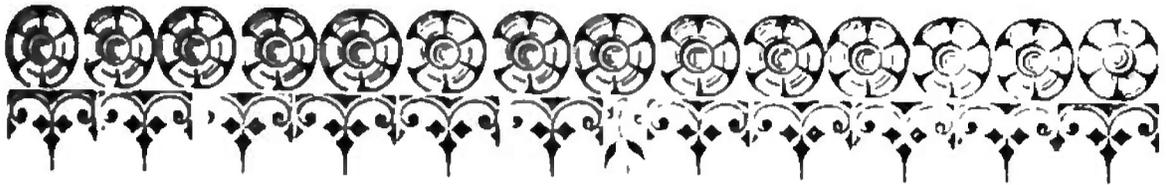
A quem de dôr se lhe não parte a alma?...
 Que coração se não afoga em lagrimas?...
 Que labios ferreos ficarão fechados,
 Ermos de prantos?...

Sim, como a flor, cortado o nosso amigo,
 Eil-o sem vida junto á campa fria!...
 Mais um instante... e a campa vae cerrar-se
 Ah!... para sempre !

Morrer tão joven... sem poder ao menos
 Ouvir, no extremo arranco, a santa benção,
 A santa benção de seos paes, que o alente
 No duro passo!...

A sua mãe... Ali n'esses altares
 Vêde a mãe que tambem perdeo seo filho...
 Ouvi as vozes que do peito arranca
 Com dor immensa:

«Vinde, oh! vós todos, que passaes acaso,
 «Vós indiff'rentes, vinde, vinde todos,
 «Contemplae-me, e dizei si ha dor na terra
 Como esta dôr!...»



NO ALBUM.

DE

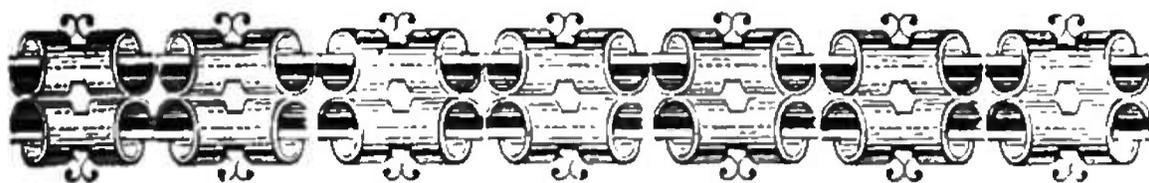
B. SAMPAIO

.....

Sorrisos e prantos e raios e sombras
E goivos e rosas e a briza a fugir...
Imagens da vida, saudades pungentes,
Crepusc'los incertos do incerto porvir...

De prantos e raios fez Deus uma c'roa,
De risos e sombras o mundo outra fez:
E a c'roa do mundo cingio-a Lucullo;
De raios a c'roa quem cinge? — Moysés.

Oh! bardo, si a vida que vives na terra,
Juncada de goivos em prantos correo,
Do bardo nas fontes os goivos são louros,
E os prantos da terra são risos no céu.



A' MORTE

DE

UMA MENINA

Rosa, rosa de amor, purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa.

(GARRET.)

E toda era viços e seiva, e perfumes,
E era os amores da terra e do céo...
Nascêra inda ha pouco da aurora co'os lumes,
E o sol inda brilha... e já murcha pendeo!

Saudosa murmura nos valles a briza
E a noite lachryma os despojos da flor,
E a lua serena no espaço desliza
Saudades radiando o seu baço fulgor.

Porque tantas galas e a vida despiste
Tão cedo, a florinha do humano rosal?
Que pôde esfolhar-te do galho, em que abriste
Teo seio de aromas—thesouro do valle?

Porque, ó folhinhas, purpureas, mimosas,
Nas azas dos ventos, inconstantes fugis?...
E a rosa, quem deo que, entre todas as rosas,
Nas orlas da campa lançasse a raiz?...

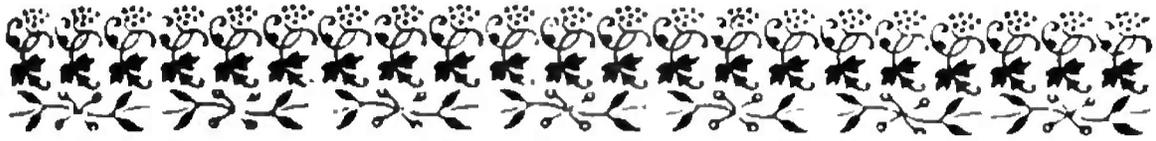
Ai! triste!... não pôde valer-te a belleza
Da cor de setim, nem o garbo gentil,
Nem todos os mimos, nem toda pureza,
Que guardas no seio, nem graças a mil!...

E toda era viços, e seiva e perfumes,
E era os amores da terra e do céo...
Nascêra inda ha pouco da aurora co'os lumes,
E o sol inda brilha... e já murcha pendeo!...

Não era da terra a florinha singela,
Que a terra não pôde ter flores assim...
Na eterna mansão reflorece mais bella
Nas tranças doiradas de algum Cherubim.

Olinda,—Janeiro—1853.





OLINDA

I.

Olinda, oh! quanto és bella, adormecida
Na encosta da montanha á beira-mar!...
As ondas sonoras que marulham,
As brizas que murmuram no palmar,
E a lua que te argenta a face linda,
Parece que murmuram : — dorme, Olinda!

II.

A' sombra das florestas,
Marim — a bella indigena —
Vivia sempre em festas,
Selvagens, mas louçans;
Alegre, e não cuidosa
No seo futuro rispido,
Quebrava o corpo airosa
No guáu entre as cunhans.

De caitutús e pacas
Mui farta a traz o indio:
Pulsando os seos marácas,
Bemfadam-n'a pagés:
Não teme a força imiga
Das tribus féras, barbaras:
Pertence á tribu antiga
Dos bravos Cahetés.

Na marge os pés descança
Do Biberibe humillimo,
Que volve a onda mansa
No meio de um paúl:
E diz, trepando á crista
Do monte: — é meo dominio
Tudo o que alcança a vista
Do Nórte até ao Sul!...

Mas, — ai! que da fortuna
A roda é muito vária...
O vento a vella infuna
A's náus do Portuguez!...
Travada a crua guerra,
A tribu morre... indómíta:
Domina o Luso a terra,
Mas não aos Cahetés!

A sorte ao Luso apoia...
Marim — em leito adultero —
Perdeo o da arasoya
Tecido croatá...
No dorço do alto monte,
Em vez da mãe indigena,
Folgou a filha insonte,
Olinda — a maraba.

III.

Olinda, oh! quanto és bella, adormecida
No meio do cocal que aos pés te nasce!...
A fragata gentil, que além veleja,
E o nauta que os cançados olhos pasce
Nos teos montes, e diz: — oh! sê bem vinda—
Parece que murmuram: — dorme, Olinda!

IV.

Cubiçam-te invejosas
Audazes náus do Batavo,
E tomam-te orgulhosas
Das mãos do Hespanhol.
E os féros reis dos mares
No teo regaço lubrico,
A' sombra dos palmares,
Sorriem do ardor do sol.

E tu dos seos abraços,
No leito do adulterio,
Embalas em teos braços
O filho do Hollandez:
Do extranho o filho suga
Teo sangue e leite, soffrego,
E a face tua arruga
Precoce decrepitez...

Eis surgem poucos bravos,
Tocando armas intrepidos!...
Grilhões, que eram de escravos,
Fundidos, são—canhões!
Morrer... sim, determinam...
Vencer... fôra prodigio.
Pois vencem... que fulminam
Inteiros esquadões!

Com balas e tacapes,
Espadas, fléchas rapidas,
Juncado o Guararapes
De Batavos ficou!...
E, apóz os ledos cantos,
E os hymnos da victoria,
No pó dos templos santos
Olinda se assentou. . .

V.

Olinda, oh! quanto és bella adormecida,
Rainha da soidão, entre ruinas! . . .
O sino, que, da torre mal segura,
Pausado manda aos céos preces divinas,
E o organ que no templo sôa ainda,
Parece que murmuram:— dorme, Olinda!...

VI.

Ao clarão da lua pallida,
Alta noite eñtre ruinas,
Em que a face poisas morbida,
E lentamente te finas,
Triste bardo, obscuro, pobre,
Sobre o pó que óra te cobre
Comtigo chorei teo mal.

Sentado ahi solitario
Ao som da lyra, e do pranto
Das nocturnas brizas humidas,
Nos labios florio-me um canto,
Como o lyrio branco e pulchro
Que nasceo junto ao sepulchro
Do que dorme além. . . no val.

.....

Accorda, Olinda, levanta-te
D'entre os corruptos miasmas,
Ergue, agita os membros gélidos;
Eis a hora dos phantasmas!...
Não ouves do Sul ao Nórte
Um som confuso... óra forte,
Qual tufão que açoita o mar,

O'ra fraco, surdo, tenue,
Qual trovão que morre ao longe,
Ou como as preces do tumulto
Que psalmeia o pobre monge?
Pois... é o sangue que circula,
Seiva de vida que pula;
—E' o Brazil a respirar:

E' o rodar da nova machina
Da nascente sociedade,
E' da industria e do commercio
A nobre rivalidade,
Que nos desbrava os desertos;
São dos genios os concertos;
E' o pulsar dos corações.

E' o incenso dos thuribulos
Que crepita nos altares,
E' o tombar de grossas arvores
Nas florestas seculares
Que em mil náus converte a arte;
E' o Brazil que toma parte
No banquete das Nações!

Eia, Olinda, á lucta férvida
Que na officina se trava!...
Do teu rosto as manchas lividas,
E os vergões que tens de escrava

Só o trabalho é que os apaga
Da fronte e pulsos, que alaga
Proficuo e nobre suor!...

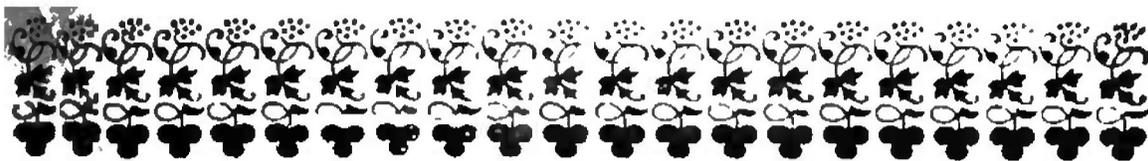
Sus! com musculoso frémito
Sacode o pó que te impura;
Põe-te em pé, Olinda, affronta-te
Co'o porvir, nobre e segura,
Que o trabalho regenera,
Como ao prado a primavera,
Como o orvalho á linda flor!...

VII.

Olinda, oh! quanto és bella adormecida
Na encosta da montanha á beira-mar!...
Do opulento Recife o murmurinho,
Do Brasil o confuso vozear,
E o sol que vem doirar-te a face linda,
Tudo, tudo te brada: — accorda, Olinda

Maranhão — Maio — 1855.





A MORTE

DO

DR. EDUARDO OLYMPIO MACHADO

Que val de sinos, de canhões o estrepito,
Longas roupas de dó?... Vaidade tudo!
Do peito humilde as orações humillimas
E' que sobem ao céo...

Por entre as benções, que soluça em lagrimas
Um povo inteiro, quanto é bella a morte!...
Como o menino que adormece candido,
Assim elle morreo!...

Os *ais* carpidos da pobreza pallida,
Das tristes orphans o clamor mais triste,
Co'o dos amigos do finado mesclam-se
Nos luzentes salões.

Como uma orchestra de instrumentos consonos,
Em tom sentido a psalmeiar por mortos,
Taes palpitavam, n'essas horas lugubres,
Todos os corações.

.....

Que succedeo?... Do justo pela aureola
 Trocou do genio a scintilante c'roa...
 Partindo altiva o argiloso carcere,
 Sua alma aos céos voou...

Que foi?... A mão, que moderava as rédeas,
 Com tanto tino, ao popular ginete,
 E amava dar da charidade o obolo,
 Santa palma empunhou...

.....

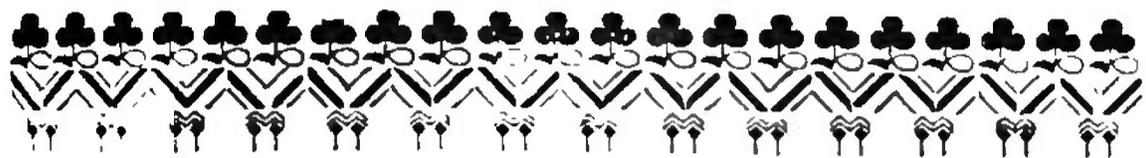
O varão forte, o justicoso Olympio,
 Novo Theseo, que da nequicia os monstros
 Sangui-sedentos com os raios lidimos
 Da justiça desfez;

O homem modesto, o seguidor acerrimo
 Da honra e virtudes, no esplendor das honras,
 Sem frouxar o arco da vontade ferreo
 Si quer uma só vez,

Oh ! tinha o sello, que assignala os genios
 Na vasta fronte, a lampear nos olhos!...
 Harpa afinada era sua alma limpida
 Das dos anjos ao tom...

Calai-vos, pois, calumniadores sórdidos,
 Que disputaes aos vermes seo cadaver,
 As Gemonias são p'ra vós na Historia,
 Para elle,—o Pantheon!...





SOLA'O

PERSONAGENS:

Jovino — *senhor de escravos,*
Cezarina — *escrava,*
Antonio — *escravo, pae de Cezarina,*
O Feitor.

Canto I.

JOVINO

O' crioula, esses teos olhos
De luz tão meiga e lasciva,
São quaes pombinhos que trazem
De amores terna missiva.

CEZARINA

Ai!... pobre de mim, coitada,
Que sou negra e sou captiva!

JOVINO

E's captiva, mas dominas,
Tens da belleza o condão:
Eu sou branco, mas captivo
Hei no peito o coração.

CEZARINA

Vou cumprir minha tarefa:
—Tres arrobas de algodão.

JOVINO

Alli na matta ao murmúrio
Do regato que deriva
N'um leito molle de relvas
De seres fôrra—quem priva?...

CEZARINA

Ai!... triste de mim, coit. da,
Que sou negra e sou captiva!

JOVINO

Hei de pôr-te de sapatos,
Luvas de seda na mão;
Si quizeres ouro e per'las,
Não pedirás nada em vão.

CEZARINA

Vou cumprir minha tarefa:
—Tres arrobas de algodão.

JOVINO

E's escrava,—serás livre ;
Erguerás a fronte altiva
Entre os que óra te desprezam,
Si me não fores esquiva!...

CEZARINA

Ai!... triste de mim, coitada,
Que sou negra e sou captiva!

Canto II.

Já os caminhos se escurecem
Da matta co'a sombra espessa;
Veem as negras, uma a uma,
Com seos côfos na cabeça.
Qual cantando vem alegre,
Qual, mais velha, vem gemendo,
Qual, em tom sentido e grave,
Tristes cantos vem tecendo.
Ante o Feitor se pesaram
Mil arrobas de algodão :
E ao duro lidar do dia
Succede o duro serão.

JOVINO

O' Feitor, lá no terreiro
Fórma toda a escravatura.

FEITOR

Olá, cheguem-se todos.
Aqui ouve travessura...

JOVINO

Manda vir cordas e banco.
Seja o castigo exemplar...
Sae á frente, Cezarina,
Vae-te no banco assentar.
Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

CEZARINA

Meo Senhor, por piedade,
Por amor do vosso pae!
Sou castigada sem culpa.
Meo Senhor, ah! perdoae!

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

CEZARINA

Eu dei conta da tarefa,
Nunca fiz mal a ninguem,
Sou humilde e sou creança;
— Tanto odio d'onde vem?...

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

.....
.....

ANTONIO

Jorra o sangue, ensopa a terra...
Olhe... a pobre vae morrer...
Minha filha!... o que inda falta,
Meo Senhor, eu vou soffrer!...

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

ANTONIO

Meo Senhor, eu nada valho;
Ah! sou negro... mas sou pae...
Por amor dos vossos filhos,
Oh! meo Deus, ah! perdoae!

JOVINO

Faceira, esquiva e donzella...
Ninguem me peça por ella.

Canto III.

Apóz os cães que ladravam,
Na floresta escura brava,
Jovino, abrindo caminho
Co'o facão, lá se embrenhava!...

JOVINO

Hekô! meos cães bons de raça!
Heis de me dar muita caça!...

.....

Parte dos cães á direita,
 Parte á esquerda latiam ;
 A um lado pende Jovino,
 A outro os negros corriam.

JOVINO

Hekô ! meos cães bons de raça !
 Heis de me dar muita caça !...

.....
 E, no meio da espessura
 Do emaranhado cipó.
 O senhor de mil escravos
 De repente se achou só.

.....

JOVINO

Quem vem lá, quebrando o matto ?
 Olá ! quem é que está hi ?...

ANTONIO

Tu andas apóz das antas,
 Mas, eu ando apóz de ti...

JOVINO

Antonio !... o negro fugido !...
 Tu, infame calhambola !!
 Nem mais um passo, ou desfeito
 Sobre ti esta pistola !!
 Busquei-te por toda a parte
 O'ra, sim, hei de amarrar-te.

ANTONIO

Amarrar-me?... isso é mais fino...
Bala aqui tambem ha.
Vós estaes a descorberto,
E eu atrás d'um jatobá.
 Branco—só vós é que sois ;
 Mas, homens—somos nós dois.

JOVINO

Como?... oh negro! pois atreves-te!
Ousas um branco atacar?!
Meos negros aqui não tardam,
Pensas tu que has de escapar?
 Busquei-te por toda a parte ;
 O'ra, sim, hei de amarrar-te.

ANTONIO

Si um brado só levantardes
Morto vos deitarei já!
Vós estaes a descorberto,
E eu atrás de um jatobá!...
 Branco—só vós é que sois ;
 Mas, homens—somos nós dois!...

Treme Jovino de colera,
Dos beiços sangue lhe corre.

JOVINO

Pois que o queres, insolente,
 Infame captivo, morre . . .
 Busquei-te por toda a parte
 Mas, agora, hei de matar-te.

Raivoso desfecha o tiro;
 Risadas o negro dá . . .

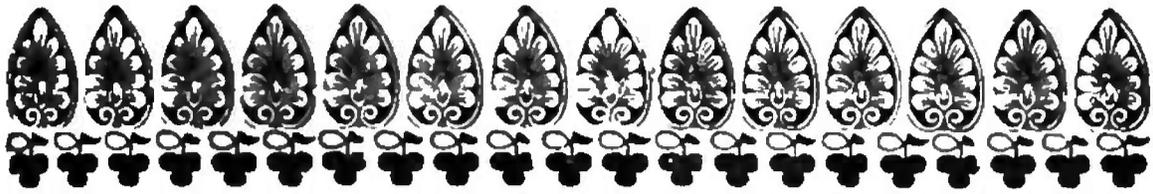
ANTONIO

Vós estaes a descoberto,
 E eu atrás de um jatobá.
 Branco—só vós é que sois;
 Mas, homens—somos nós dois! . . .

Canto IV.

Dam-se tiros no terreiro,
 Tangido ronca o tambôr,
 Vinte negros batem matto
 Em procura do Senhor:
 A caçar elle sahio,
 Nunca mais ninguem o vio . . .

E os negros que veem do matto
 Perguntam:—qu' é do Senhor? . . .
 Respondem tristes, limpando
 Da negra testa o suor:
 — A caçar elle sahio,
 Nunca mais ninguem o vio . . .



A' SENTIDÍSSIMA MORTE

Do

BRIGADEIRO FALCÃO

.....

Ah! vibrem, vibrem as tremulas
Cordas do meo alaúde,
Quaes na torre os dóbres funebres,
Que o sino plangente e rude
De triste vibrando está!..

Ah! vôem meos *ais* harmonicos
Nas azas da fresca briza,
Meos versos corram quaes lagrimas
Dos olhos, que o chôro piza,
De noiva que viuva é já!...

Maranhão, berço de genios,
Formosa filha dos mares,
Ah!... troca por vestes lugubres
As galas do teos folgares;
Ah!... não folgues nunca mais!...

Sertanejas—Fl. 5.

Ah!... chora, que o varão integro,
 Dos teos filhos o mais forte,
 Que as balas provocou rubidas,
 Na guerra vencendo a Morte,
 Venceo-o a Morte na paz...

Falcão!... destino malevolo
 Persegue os filhos de Marte!...
 Cede á Morte, em leito inglório,
 Tendo-a visto em toda a parte
 De Arbellas o vencedor:

Cáe Pompeo em plagas barbaras,
 A's mãos de vis assassinos;
 De Marengo o heróe, que indomito
 Tangia da Morte os hymnos,
 Morreo... aos poucos... de dôr!!!

Falcão!... si, vencendo os seculos,
 Seos nomes enchem o Mundo,
 Foi a scena mais esplendida,
 Não foi genio mais profundo,
 Não foi peito mais viril...

Quem na lide mais intrepido,
 Quem mais sizudo no plano,
 Quem no vencer foi mais rapido,
 Na victoria mais humano,
 Que tu, genio do Brasil?...

Foi tua espada um prodigio
 No referver da batalha;
 A Morte poisava rabida
 No gume, que o sangue orvalha
 Dos que vam morder o chão:

Imbravecido no prélio,
Semelhava onça faminta,
Que se rodeia de victimas,
E, de sangue toda tincta,
Ferve-lhe inda o coração.

E pendê inerte o teo gladio,
Dês que o punho não lhe aperta
A mão, que o regía valida,
Nos éstos da guerra incerta,
Onde o teo genio primou.

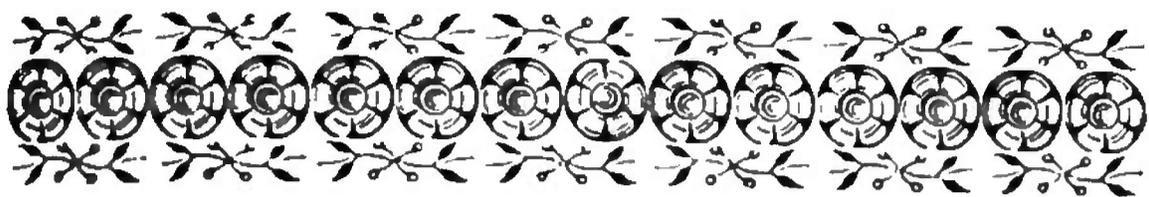
Ah!... desses teos olhos d'aguia,
Onde a victoria luzia,
O lume brilhante e vivido,
Que o sol vencer contendia,
Para sempre... se apagou!...

A voz que troava rispida,
Como o clangor das trombetas,
Nos casos da guerra varios
Movendo mil bayonetas,
Para sempre emmudeceo!..

Esse peito, encerro nitido
De mil inquebraveis brios,
Das virtudes tabernaculo,
De impulsos de feitos pios
Jamais não pulsa... Morreo!!

Olinda,—1853.





NURANJAN

.....

Nuranjan, em que scismas tão triste,
Ai!... tão triste em que scismas assim?
Os sorrisos da infancia banniste,
Porque os trocas por dôres sem fim?...
Tua irman, teos irmãos, teos parentes
No terreiro lá folgam contentes,
Aos sons rudes do rudo tambôr ;
Tua falta os crioulos lamentam,
Já de novo os tambores aqueutam,
Por ti brada o seu ledo clamor.

— « Em que scismo?... Em que scisma a captiva?
Ah! da negra o que importa o scismar?
D'estes sonhos ninguem não me priva ;
Ah! deixai-me, deixai-me sonhar !...
Vês a Lua que brilha serena,
Solitaria — como alma que pena —
A vagar pelos campos d'além?...
Porque os brilhos co'a a noite despende?
Quem na terra os sorrisos lhe entende?
Em que scisma?... Não sabe ninguem.

Amo a Lua saudosa, que vaga
Na campina azulada dos céos,
Porque a Lua co'os raios me afaga,
E levanta minh'alma até Deus!
Amo a Lua, porque amo a tristeza,
Porque a Lua jámais se despreza
D'escutar meos queixumes de dôr :
Porque á luz do meo astro fagueiro,
Me deslembro do vil captiveiro,
Do azurraque, e do bruto feitor...

« Lá da matta na verde cortina,
Infringindo-lhe a sacra mudez,
Porque doce gêmeo sururina,
Quem tal dó, quem taes dôres lhe fez?...
Foi, acaso, que á mãe lamentosa
Os filhinhos comêsse a raposa,
Farejando-lhe o ninho no chão?
Ou — quem sabe? — o esposo querido
Foi nas unhas atrozes colhido
De faminto, cruel gavião!?...

E, como ella retreme os gemidos
Da tristissima Lua ao clarão,
Assim eu os meos ais comprimidos
Desabafo na livre soidão.
Minha dôr, como a d'ella, é segredo,
Que meos labios proferem a medo,
Alta noite, sosinha, ao luar :
E' soluço, que o peito comprime,
Porque o negro, que chora, tem crime,
Porque o negro não deve chorar!...

« Triste geme nas mattas a briza,
Mas é livre, mas pode gemer!...
Ledos cantos mais logo improviza,
Ou co'as nuvens no céu vae correr :

.....

Livremente nos galhos ramalha,
Ou cicia soidosa na palha,
Ou dormida emmudece no val :
Ah!... não traz ferreo jugo no collo,
Não tem laços, que a prendam ao sólo,
Como a negra,— esse vil animal!...

« Em que scismo?... Por caso em que scisma
Ao sepulchro pergunta-lhe alguém?...
Pois a cova em que sonhos se abysma,
Si a verdade das cinzas contém?...
Si do tumulo os podres miasmas,
Condensando-se, geram phantasmas,
Que nos enchem o peito de horror?...
A captiva, si ás vezes tem sonhos,
São terriveis, são negros, medonhos
Pesadêlos, — não sonhos de amor.

« Em que scismo?... Olha mudo e deserto
O roçado, que além se queimou...
Co'um lençol de alvas cinzas coberto,
E' qual garça, que a flécha varou!
Altos troncos. e a gramma rasteira,
E o cipó que se abraça á palmeira,
Mais a flor, que se prende ao cipó,
E o concerto das aves nos ramos,
E da tarde na matta os reclamos,
No silencio lá jazem, no pó...

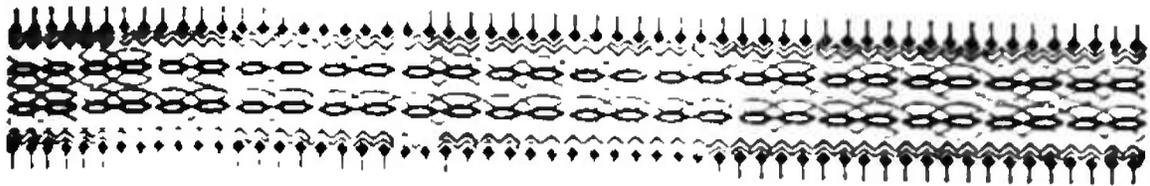
« E o roçado o que é? — O sepulchro
Onde pousa a floresta que ardeo.
Porque ardeo?... — Porque o sordido lucro
Faz que o *branco* até zombe do céu!
Profanadas taes obras divinas,
Este templo pendido em ruinas,

Que a si proprio o Senhor levantou!...
Terreo verme, que mal me descubro,
Nos destroços do vosso delubro,
Porque choro?— Eu, Senhor, o que sou?!...

Mas, das ondas de nitida chamma,
Que o roçado prostraram no chão,
Negro fumo no ar se derrama,
Fere as nuvens, desperta o trovão!
Brilha o raio, terrivel estála,
Deus ao Mundo cholérico falla
Nos ribombos dos roucos trovões:
Açoitados confrangem-se os pólos.
Vergam *brancos* imbelles os collos,
Pulsam medo seos vis corações!... ▶

Olinda--1854.





A LUA

Per tacitæ salientia lunæ...
VIRGILIO.

Bem como no galho tremulo
A flebil rolinha geme ;
Ou como a virgem brasilica,
Que o ardor da calma teme,
E na rêde—invento indigena—
Embala o corpo, que a mente
Embalada docemente
Em doces scismas está :

Tal nos céos a Lua candida,
Entre os seos raios se libra,
Raios macios, tão placidos,
Que a Lua exhala, não vibra,
Raios da luz do alto empyreo.
De que o justo se reveste,
E os derrama no cypreste,
Que a seos ossos sombra dá.

A briza, de somno languida,
Frouxas canções em vão tenta,
Move acaso as azas roridas,
E a Lua as azas lhe argenta :

Que, no firmamento esplendido,
Nos silentes horisontes,
Nos fundos valles, nos montes,
Arde a Lua tropical.

Da matta nas palmas garrulas
Fresco orvalho a noite verte,
E a Lua da noite as lagrimas
Em aljofares converte :
Da carnaúba as aureolas
São resplendores de prata:
Mais cheiro a rosa desata,
Mais rosas bróta o rosal.

Quem não te ama, oh! pomba etherea,
Rainha da soledade!...
Quem não tem na vida um tumulo,
Ou no peito uma saudade?...
Si não paz, tu dás-nos trégoas
Da vida na dura guerra,
E és tão querida na terra,
Quanto formosa nos céos!

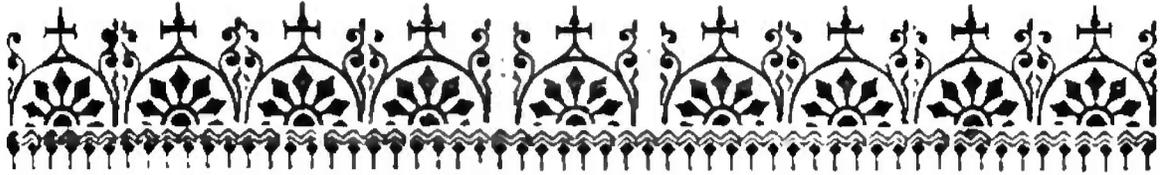
O velho, que, á passos tremulos,
P'ra sepultura caminha,
De infantes o bando lépido,
Que, chamando-te *madrinha*,
Tua benção pedem simpleses,
Folgando e rindo innocentes,
— Não vês, oh! lua, não sentes
Que adoram os raios teos?

O rei nos seos passos régios
E o triste, o pobre captivo,
A' porta do seo tugúrio,
Acham doce lenitivo

A's suas profundas magoas,
Quando, oh! astro, além te estampas :
Assim se alegram as campas,
Onde rebenta uma flôr!

E o poeta—summo espirito,
Que só de dôres se céva,
E á luz sublime do genio
Do porvir taceia a treva—
Menos amargas as lagrimas
Bolham-lhe nos seios d'alma;
Pouco e pouco a dôr se acalma...
Milagres do teo amor...





SULTÃO E EUNUCHOS

.....

Onde ha sultana ha eunuchos,
Ha sultão, harens, divans ;
Vós dizeis, jovens malucos,
Entre outras mil cousas vans,
Que no baile houve sultana ;
—Logo, houve a mais traquitana.

Que ha eunuchos a milhares,
Ninguem o póde negar ;
Ha menos aves nos ares,
Ha menos peixes no mar ;
Mas, sultão ha um sómente,
Si a memoria me não mente.

Venham punhaes e trabucos,
Hei de a verdade dizer ! . . .
Sois muitos . . . ah ! sois eunuchos,
Que sultões . . . não podeis ser :
Deixa de ser o primeiro
Quem tem equal companheiro.

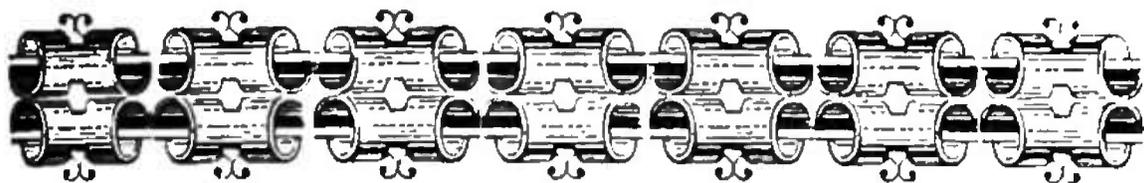
Vamos, pois, do já provado
A' consequencia final :
São um trillo de capado
Da Capella Imperial
Os versos, ó turba insana,
Que dedicaes á sultana.

No Pará os manelicos
Não comem tanta banana,
Como os poetas eunuchos
Fazem versos á sultana ;
Mas são versos amputados,
Como os eunuchos,—coitados!...

E fazem versos *non senso*
Com tanta e tal profusão,
Que até descantam o lenço,
Que á bella atira o sultão,
Quando até a vil phalange
Discreta, pega no alfange.

Ponho-me, pois, de franquia
Dos poetas contra a teima,
Aguardando a turba impia
Nas pontas deste dilema :
—Ha sultana?... sois eunuchos ;
Não ha?... então, sois malucos.





O NARIZ PALACIANO

.....

Festivaes repicam os sinos,
Trôa no Forte o canhão;
Correm velhos e meninos,
Ferve todo o Maranhão:
Veem doutores, veem soldados,
E os publicos empregados
Com seo illustre inspector.
— Porque acorre tanto povo?...
Chegou Presidente novo,
Nosso Deus, nosso Senhor...

Mineiro papa-torresmo,
Ou bahiano carurú?...
Seja quem fôr,— é o mesmo,
Temos nariz, e elles...
Presidente maranhense?...
Que tolo ha'hi que em tal pense?!
Nem por graça isso se diz...
Indio ou chim, não nos desbanca;
Não ha mais forte alavanca,
Do que um vermelho nariz.

Feliz tres e quatro vezes
 Quem rubro nariz sortio !...
 Nos politicos revezes
 Que narigudo affundio ?
 Diz errada voz imiga,
 Que impéra so a barriga
 Nos negocios do paiz ;
 O que a mente minha alcança,
 E' que, si o lucro é da pança,
 O trabalho é do nariz.

Por isso, no grande entrudo
 Que chamam governo cá,
 Folga muito o narigudo
 Quando nos chega um pachá :
 Pencas agudas e rombas,
 Mil elephantinas trombas,
 N'esse dia tomam sol :
 Qual torreia, qual se achata,
 Qual na ponta faz batata,
 Qual se enrosca e é caracol.

Bem como na culta França,
 Cada qual seos animaes
 Leva cheio de esperança,
 Aos concursos regionaes :
 Este,—um carneiro merino,
 Aquelle,—um toiro turino,
 Outro,—um cavallo andaluz !
 Tal, quando o mandarim salta,
 Um por um, a illustre malta,
 Seo rubro nariz conduz.

E, assim como então é d'uso
 A chusma da feira erguer
 Aos céos o rumor confuso
 Dos que veem comprar, vender ;

O anho bala, grunhe o cérdo,
Ornêa o jumento lerdo,
Brioso nitre o corcél ;
—Tal a turba narigada
Nos trombones a chegada
Festeja do bacharel.

Vem, por entre esta harmonia,
O da Côrte homem cortez,
Faz á esquerda cortezia,
A' dextra mesura fez...
Mil narizes sobem, descem ;
(Não de pudor) enrubecem
No furor de cortejar.
Vibram talhos de montantes,
D'essas espadas gigantes
Que Roldão soube jogar...

Na camara do seo palacio,
Vindo da Municipal,
Vê-se o illustre pascacio
Como pisado n'um gral :
Curte comsigo, nem geme,
Que um bom nariz é bom leme
Posto á pôpa... em bom logar !...
Um por um os monstros olha,
Que o trabalho está na escolha...
Do que melhor lhe quadrar.

Por mais que se ponha em guarda,
Apezar de quanto diz,
Vista béca, ou vista farda,
Por força leva nariz...
Porque diz em consciencia :
—«Pondo de parte a *excellencia*,

Tu, Presidente, o que és?
 Julgas-te inqualificavel?
 E's um ente narigavel
 Da cabeça até os pés...»

Embora prudente e calmo,
 Si um nariz de guarnições,
 Poder suspender-te um palmo
 N'estes tempos de eleições,
 Vae tudo contigo ábaixo;
 Mais asneiras que um borracho,
 Juro-te que has de fazer...
 Pois como do teu officio
 Terás pleno exercicio
 Si suspenso o has de exercer?...»

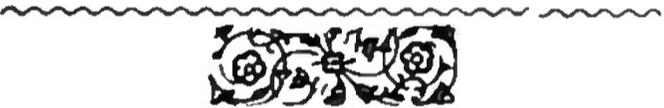
Permitta Vossa Excellencia
 Que aos sabios ponha a questão;
 E' caso de consciencia,
 E' um *quid juris* ratão:
 — «N'estes contractos occultos,
 Dizei vós, sabios consultos,
 Que tendes as leis de cór,
 Quem é que fica lesado?
 — O mui nobre narigado,
 Ou o vil narigador?...»

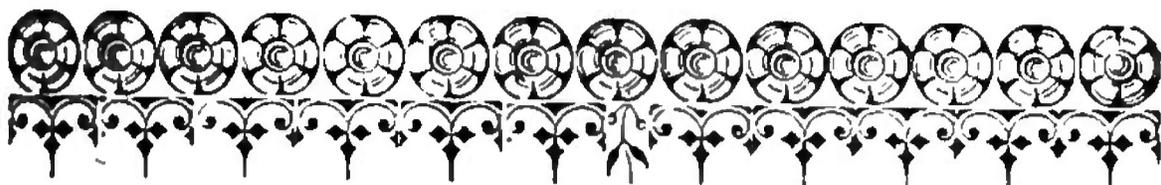
Maranhão — 1856





TRADUÇÕES





MOYSÉS NO NILO

(VICTOR HUGO)*

Neste tempo veio a filha de Pharaó a banhar-se no rio, acompanhada de suas damas, que caminhavam ao longo da borda d'agua.

EXODO II.

« Co'a fresca da manhã mais fresco é o rio ;
Vinde irmãs, o ceifeiro inda repousa,
A marge' inda está erma,
De Memphis um murmurio se ergue apenas,
Por entre as ramas só a rosea amóra
Espreita os nossos brincos.

« Nos paços de meo pae brilham as artes ;
Mas, estas flores simples mais me agradam
Do que os talhados pórphiros ;
Da natureza eu amo as harmonias,
E, á que trescala, em artezões, caçoila
Prefiro o olor do zéphyro!

— Vid. nota D, no fim do volume.

«Vinde:—a agua está tão calma e o céu tão puro!...
 N'estas silvas deixae de azues sanéfas
 Vossos sendaes delgados;
 Esta c'roa tirae-me, e os véos ciosos;
 Pois eu quero folgar hoje comvosco
 Nas ondas murmurantes.

«Vamos!... Mas, da manhã por entre a nevoa
 Que vejo... lá ao longe... no horisonte?...
 Não vos assusteis, virgens!
 Ha de ser algum tronco de palmeira,
 Que, p'ra ver as Pyramides, os mares
 Arrastam dos desertos.

«Mas que digo?... Si os olhos não me enganam,
 D'Hermes a barca é, ou cóncha de Isis,
 Que leve briza impelle...
 Porém, não :—é esquite em que descubro
 Meigo infante a dormir ao som das vagas,
 Como ao cóllo materno!...

«Dorme ;—e de longe o leito fluctuante
 Semelha o ninho d'alva pomba, á tona
 D'agua a boiar sem rumo.
 Erra a sabor do vento a infantil cama;
 Dorme das ondas ao baloiço, e o pego
 Sua tumba acalenta!

«Elle accordou!... correi, virgens de Memphis!
 Chora!... Ah! que mãe seo filho entregar póde
 Ao capricho das ondas!?...
 Move os bracinhos e a agua em redor tóa;
 Ah!... só tem por muralhas contra a Morte
 Fragil berço de vimes.

« Salvemol-o; — é, talvez, israelita.
Proscreevo-os meo pae. — Que crueldade
 Proscreever a innocencia!...
Commovem meo amor suas desditas,
Quero ser sua mãe; dar-lhe-hei a vida,
 Si não o nascimento.»

Iphis, de um grande rei a esp'rança e o mimo,
Pelas orlas do Nilo divagando,
 Iphis assim fallava ;
E as lindas damas, que ella inda offuscava
Quando despia as télas d'ouro, criam
 Ver a filha das ondas.

Já freme a onda sob os pés mimosos ;
P'ra o menino, que geme, a piedade
 Guia-lhe os passos timidos.
Agarra o esquite!... e, altiva com tal carga,
Na bella fronte o orgulho se mistura
 Com o pudor singelo.

Cortando as ondas, e quebrando os vimes,
Ella traz e depõe na fresca areia
 O infante que salvára :
E as demais virgens alternavam beijos
Nas faces do menino, que se estranha
 De ver tanto sorriso.

Corre tu, que da duvida nos transes
 O teu predestinado filho segues...
 Chega como uma estranha...
 Vem;—Iphis não é mãe: nada receies,
 Nem temas que os transportes te atraíçõem
 Ao acoimal-o de beijos !...

Então,—emquanto a virgem triumphante
 Ao rei feroz levava o infante humilde,
 Que a mãe banhára em lagrimas—
 Ouviam-se no céu em choro os anjos,
 Que ante o Senhor co'as azas se velavam,
 Cantando ao som das lyras:

«Não mais gemas, Jacob, na terra estranha,
 Nem beba tuas lagrimas o Nilo :
 Do Jordão as margens abrem-se.
 Verá Gessen p'ra terra promettida
 Fugirem, mas que peze aos seos tyrannos,
 As longo-oppressas tribus.

«Sob a figura de um menino, salva
 Das ondas uma virge' ao rei das pragas,
 —Ao eleito do Sinai.
 Salva a Israel um berço, e um berço ao Mundo
 Ha de remir;—tu, que não crês no Eterno,
 Curva-te, humano orgulho!»





A FILHA DE JEPHTE'

(POEMA de ALFRED DE VIGNY)

E d'aqui veio o costume e se tem conservado o uso,

De que uma vez cada anno se ajuntam as filhas d'Israel, para chorarem a filha de Jephthé de Galaad por quatro dias.

JUIZES, CAP. XI, v. 10.

Jephthé destruiu de Galaad as cidades,
As chammas arderam nas vinhas de Abél,
Na cinza as cantigas de Aroèr se apagaram,
As ceifas talou de Mennith Israel.

De Amnon os guerreiros, vencidos, curvados,
Já pagam tributo ao Senhor nosso Deus;
Com gritos agudos Isr'el fére os ares,
Humilde agradece os soccorros dos céos!

Ao hymno, que echôa no vasto deserto,
Já casa o clarim seo agudo clangor,
A's torres de Maspha o exercito ao longe
Reconta que Jephthé ficou vencedor.

Do povo nas faces transluz a alegria,
Mas, surdo aos clamores de gloria, Jephté
Co'a fronte caminha sombria vergada,
E subito pára, desmaia... não vê.

Desmaia, não vê; porque, ao longe, as donzellas,
Com passos medidos, lá veem a cantar,
E as vozes do chôro, sagradas, festivas,
O fazem de medo tremer, desmaiar.

E ouve o festejo que vem, que o festeja,
A harpa harmoniosa, o sonoro tambor,
Da lyra os dez sons, o nebel estrangeiro,
E a voz argentina do leve Rinnor.

Mais perto já são as palavras sagradas,
E os passos medidos no lédo dançar,
E o doce arruído de gratos applausos,
E os ramos de flor o caminho a juncar.

Os joelhos lhe vergam com o peso das armas,
A lagrima esquecida nos olhos luzio;
Que o pae, d'entre as vozes, as vozes da filha,
Cantando um singelo cantar, destinguio.

—« Eu quero a primeira cingir-lhe os cabellos
Co'a c'roa de flores que eu mesma teci!
O' virgens! meo pae, no seo lar, outra filha
Não beija, não ama;—só vive por mi. -

Co'os braços enlaça piedosas caricias
No collo tostado do pae :—«Que tardaes?...
Por que não fechaes-me nos vossos braços?...
Porque vossos olhos em pranto banhaes?...

—« E's tu; ai!... és tu, minha filha querida! »
Os olhos abrindo o pae diz-lhe a tremer;

—« E's tu; ai! és tu, minha filha! oh! martyrio!
Que lagrimas vam d'esse abraço correr!... »

« Em cambio do crime quereis innocencia;
Vingança vos praz, Deus injusto, Deus crú!...
Amaes, Deus cruel, os vapores do sangue!...
Um' hostia lhe devo... ai!... filha, que és tu!... »

« Eu? » diz. — E seos olhos de per'las se abrolham.
E' moça, era bella, e é doce o viver...
Depois respondeo: — « Pois que haveis promettido
Dispôr de meos dias, podeis conceder

« Que as virgens levando commigo ás montanhas
Dois mezes inteiros eu possa gozar
Da vida com ellas e da liberdade.
E virgindade e juventude chorar!... »

« Porque jamais hei de lavar um meo filho
Nas aguas sagradas — ufana de amor;
Não lhe lançareis, ao nascer, vossa benção,
Meos cantos não hão de abrandar sua dor;

« E, quando eu morrer, a donzella não ha de
Ciosa indagar si era esposa de alguém,
Por mim que guerreio trajára cilicio,
Só vós em meo tum'lo sereis, — mais ninguem. »

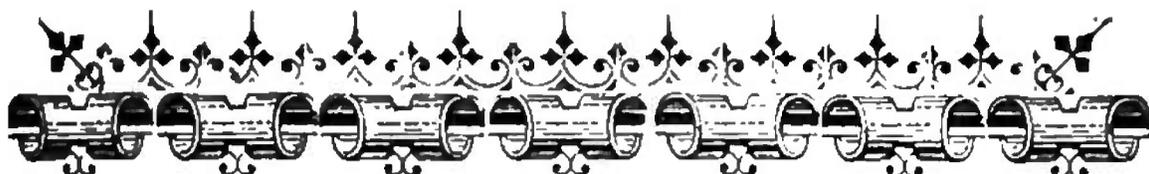
.....

Chorava o exercito, a fronte cobria
De cinza e de sacco;— e o pranto de pae
Jephté no seo manto occultava dos homens,
E ouviu-se por entre os soluços:— «oh! vae!»

Curvando a cabeça, partio. Nas montanhas,
Qual nós a choramos, as virgens choraram:
Depois, offereceo-se ao cutello paterno.

—Eis aqui d'Israel o que as virgens contaram.





MOYSÉS

(POEMA POR ALFRED DE VIGNY)

Das tendas nas cumiadas prolongavam-se
Obliquos raios, flammæ coruscantes,
Aurea esteira, que o sol rasga nos ares
Ao deitar-se na areia dos desertos.
De oiro e purpura se arreiava o campo.
Subindo a éncosta do infecundo Nebo,
Moysés, homem de Deus, pára, e co'os olhos
Cerca—limpo de orgulho—o horisonte.
Logo, cingida de figueiras, Phasga
Descobre; além dos montes que divisa,
De Ephraim, Galaad, Manassés as terras
Ferteis, ao dextro lado, se desdobram;
Judá, ao sul, árido e grande, amostra
O areal, onde dorme o mar occiduo;
No valle, Nephtali, que a tarde ensombra,
Co'a cr'ôa de oliveiras verde acena;
Na flórida planicie lá se avista
Jerichó,— a cidade das palmeiras;
Multiplicando os troncos, o lentisco
Dos plainos de Ppogor vae até Bale.
Chanaan vê todo, e a terra promettida,
Que aos ossos seos recusará jazigo.
As sacras mãos sobre os Judeus espalma,
E p'ra o cume de novo se encaminha.

Cobrindo do Moab os vastos campos,
 Os filhos de Israel, no *sancto valle*,
 A' raiz da montanha, fluctuavam,
 Qual seára encurvada pelo nórtte.
 Desde a hora em que o orvalho humecta a areia,
 E de per'las salpica o bordo altivo,
 Propheta centenario, cheio de honra,
 A topar-se com Deus, Moysés partíra.
 Co'os olhos seguem-lhe os flammantes cornos,
 E ao cimo logo que attingio do monte.
 E co'a fronte ferio de Deus a nuvem,
 Que o monte coroava de relampagos ;
 Nas saxeas aras fumegou o incenso.
 Seiscentos mil Hebreus, no pó curvados,
 A' sombra do perfume, que o sol doira,
 Cantaram juntos o sagrado cantico ;
 A's densas tribus—de Leví a tribu
 Sobrelevando, qual cypreste a areia,
 Do povo as vozes na harpa acompanhando,
 Ao rei dos reis encaminhava o hymno.

Em pé diante de Deus, na nuv'escura,
 Face a face com Deus, Moysés fallava :

Não me dareis, Senhor, á vida um termo?
 Onde quereis que os pés dirija ainda?
 Viverei sempre só e poderoso?...
 Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma.
 Que vos fiz eu para ser o vosso eleito?
 De vosso povo á frent' hei sempre andado ;
 Eil-o as raizes da terra promettida ;
 Minha grave missão outro que aceite,
 Ao popular corcél as redeas tome,
 Eu lhe légo o meo livro e a bronzea vara.

Por que não me deixastes, simples homem,
 C'o as minhas ignorancias e esperanças,
 Visto que a sepultura, em que repouse,
 Do Horeb ao Nebo achar inda não pude?...
 « Ah!... entre os sabios sabio me fizestes!
 Eu guiei pela mão o povo errante;
 Na cabeça dos reis derramei fogo;
 Minhas leis adorar ha de o futuro;
 Dos homens abro o mais antigo tumulo;
 A Morte escuta a minha voz prophetica;
 Sou grande, nas Nações firmo os meos passos,
 Faço e desfaço as gerações do Mundo...
 « Ah!... vivo poderoso e solitario,
 Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma.

Os segredos do céo tambem devasso,
 Que aos meos olhos a luz dos vossos déstes.
 A' minha voz da noite os mantos rasgam-se;
 Conto as estrellas todas por seos nomes;
 —Eis-me aqui!— diz, correndo apressurada,
 A que eu chamei com um gésto ao firmamento.
 Nos flancos turbidos das nuvens gélo
 « A marulhosa fonte das procellas;
 Em revolto areal afogo os reinos;
 Com os hombros dos ventos allúo os montes;
 Indefeso o meo pé do espaço zomba;
 Porque eu passe, o Mar-rôxo se represa;
 E a minha voz abafa a do Oceano.
 Quando o meo povo soffre, ou leis precisa,
 Os olhos ergo, e aspíro o vosso espirito,
 A Terra então vacilla, o Sol hesita,
 Nos céos os anjos émulos me applaudem!...
 E, comtudo, Senhor, feliz não vivo,
 Envelheci poderoso e solitario,
 Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma.

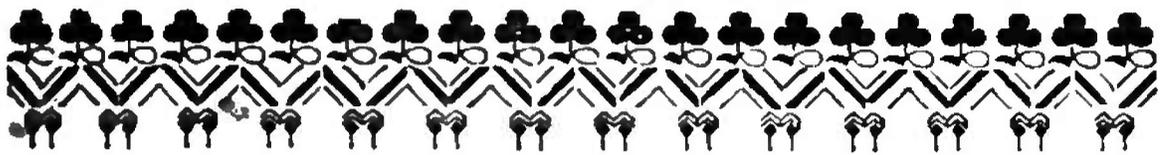
Assim que o sopro vosso encheo-me, os homens
 Diceram, entre si, que eu lhe'era extranho;
 E a meo olhar de fogo os seos baixaram,
 Porque mais que minha alma n'elle viam.
 O amor de mim se esqui'va, o amigo foge,
 Morrer temendo as virgens se vallavam.
 E, escondendo-me á sombra da columna,
 Ante todos marchei, envolto em gloria.
 E eu dice dentro d'alma: — Que me resta?...
 Para um seio de virge' é grave a fronte,
 Minha mão faz tremer a mão que aperta;
 Minha voz é trovão; relampo,—a face;
 Por isso, em vez de amar-me, de mim tremem;
 E, quando os braços abro, elles se prostam.
 —Hei vivido pod'roso e solitario;
 « Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma ».

O povo esp'rava, e, receiando a ira
 De Deus, orava sem olhar p'ra o monte;
 Que si os olhos erguesse, a escura nuvem
 Os trons da tempestade ribombára,
 E, encadeiando os olhos, os relampagos
 Continham curvas de Israel as tribus.

É no monte Moysés não mais foi visto
 Choraram-n'o.

—P'ra terra promettida
 Palido caminhava, e pensativo,
 Josué—que de Deus era o eleito.





A' MORTE DE J. B. ROUSSEAU

(DE POMPIGNAN)

.....

Quando o mór cantor do mundo
Nas frias plagas morreo,
Nas quaes o Hébro profundo
Mutilado o recebeo,
Nos montes o Thracio errante
Com seo carpir penetrante
O bosque e o campo atroou ;
Seos gritos o ar abalaram,
E nos antros, que echoaram,
Rugindo o leão chorou.

Seo Orpheo perdeo a França...
Musas, erguei-lhe um tropheo
Com toda a pompa e punjança
Que pede o ataúde seo :
Oh!... fazei novos prodigios.
Deixe brilhantes prodigios,
Tal dia de pranto e dó:
Assim sombreia o jazigo
De Virgilio o louro antigo,
Por vossos cuidados só.

Rousseau, grande e desditoso,
 Da vida os ferros quebrou,
 E, longe do céu saudoso
 Da Patria, os olhos cerrou...
 Quem lhe causou tantas dores?...
 Quem seo caminho de flores
 D'espinhos pôde abrólhar?...
 Que vida peregrinada!...
 E que multidão cerrada
 De imigos a debellar!...

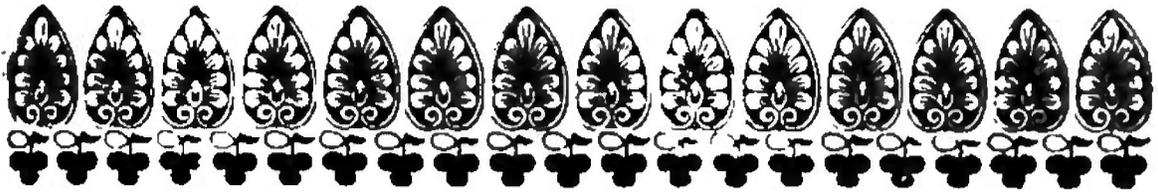
Té quando, mortaes ferozes,
 Sereis de fél e rancôr?...
 Serão sempre vossas vozes
 Os rugidos do furor?...
 Duro, na cholera minha,
 Rio da sorte mesquinha
 Do meo prostado rival:
 Elle se alevanta, e eu cáio
 A seos pés, do mesmo raio,
 Que eu provocava, fatal.

Do seio da eterna treva
 Erguendo-se a inveja aos céos,
 Co'a as azas, em que se eleva,
 Furta á luz os olhos seos.
 Que monarcha, que ministro,
 Lhe vence o odio sinistro,
 Que o tempo a custo corróe?...
 E' lote nosso a desgraça;
 E o heróe, por mais que faça,
 Quando morre, — é que é heróe.

Vio o Nilo os habitantes
 Do Sarah negros, sem lei,
 Com seos gritos insultantes
 Apuparem o astro-rei:

Gritos vãos, loucos furores!...
Em quanto com seos clamores
Alurdem a terra e o céu,
O Sol a caterva immunda
De um mar de luzes inunda,
Tranquillo, no gyro seo.





O CAÇADOR E A LEITEIRA

(DE BÉRANGER)

.....

Com doces cantos a calhandra alegre
Do almo dia o vermelho despontar ;
O amante caçador segue, oh ! leiteira,
Meigas fallas de amor has de escutar ;
Da primavera as orvalhadas flores
Vamos, oh ! bella, para ti colher.
— Não, caçador, de minha mãe hei medo,
E o meo tempo não posso aqui perder.

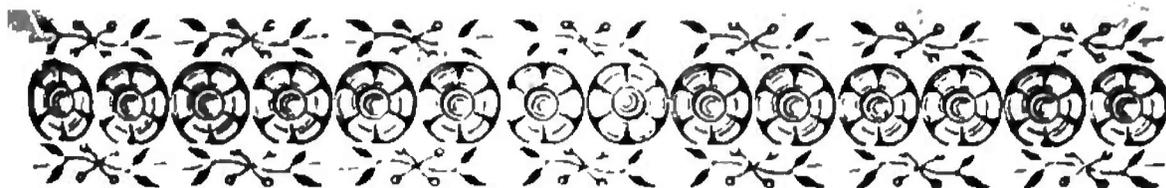
Tua mãe por detráz d'aquelle oiteiro
Co'a mimosa ovelhinha longe está.
Olha, aprende, oh ! leiteira, esta modinha,
Tão bonita na Côte outra não ha ;
A moça, que lograr saber cantal-a,
Os mais voluveis poderá prender.
— Tambem sei, caçador, modinhas ternas,
E o meo tempo não posso aqui perder.

Porque o possas contar, o triste caso
Aprende de um barão mui furibundo,
Que de cioso arrasta a pobre esposa,
Viva e bem viva, para o outro mundo;
Historia que, narrada em noite escura,
Faz quem ouve de medo estremecer.
— Tambem sei, caçador, contos mui tristes,
E o meo tempo não posso aqui perder.

Quero ensinar-te uma oração, mui sancta
Com que aplaques o lobo esfomeado,
Com que possas zombar das feiticeiras,
Livrar-te de quebranto, ou máo olhado.
Bem póde alguma velha malfazeja
Vis maleficios contra ti fazer.
— Não tenho, oh! caçador, o meo rosario?...
E o meo tempo não posso aqui perder.

Pois bem, vê esta cruz?... como é brilhante,
Cravada de rubins de grão valor!...
Da moça que ella ornar, ao lindo seio
Os olhos chamará... cegos de amor.
Será tua, apezar do alto preço;
Mas, vê lá... o que em troca hei de querer!...
— Sou vossa, caçador, quanto é formosa!...
E o meo tempo não posso mais perder!





OS MANDAMENTOS DO CREPUSCULO

(TRAD. DO FRANCEZ)

.....

O tóque das matinas sôa nove vezes
Na torre e me desperta, e diz: — «deves orar!»
E diz primeiro tóque:—um Deus sobre ti véla,
Ou seja noite densa, ou brilhe o Sol no mar.

E diz segundo tóque:—ao bom Jesus dá graças,
Que ainda te concede um dia mais viver.
E diz, ainda, o terceiro:—em Deus firme confia,
Caminha!... é d'Elle a via que hemos de bater!

O tóque das matinaç sôa nove vezes,
E o Mundo recomeça, infrene, a marulhar.
Um quarto parecer do sino a voz sonóra
Me dá: — sê diligente, é nobre o trabalhar.

A quinta voz badálla. — ajuda os outros homens;
Quem hoje tem de seo, póde inda carecer.
— Sê franco e verdadeiro, o sino inda murmúra,
Que o peito limpo e são não ha de esmorecer.

O tóque das matinas sôa nove vezes,
 No peito altas virtudes nitidas aviva.
 O septimo som diz: — sê parco nos prazeres,
 Do Mundo não te engane a falsa perspectiva.

E diz oitavo tóque: — arrosta o soffrimento;
 Com elle é que Deus próva o animo do forte.
 — Medita, homem, na Morte, o sino outra vez brada,
 Que a vida n'este Mundo é aurora da Morte.

O tóque das matinas sôa nove vezes,
 Comsigo cada um se diz: — «orar convém.»
 Tres vezes tóca o sino, á tarde, e por tres vezes,
 E diz com voz sonora: — «a tarde já hi vêm.»

E diz primeiro tóque: — o dia vae morrendo,
 A luz já te fallece, — enchuga o teo suor.
 O sino outra vez brada, e accorda no meo peito
 Do Deus, que ama o humilde, o meo intenso amor.

E diz-me ainda o terceiro: — illudes a esperança
 Que o céo em ti cimenta?... cumpres teo dever?...
 Tres vezes tóca o sino, á tarde, e por tres vezes,
 E' mudo o passarinho, e nada póde ver.

E diz o quarto: — pede a Deus, a tempo e horas,
 Constancia e robustez p'r'o rudo trabalhar.
 A quinta voz badalla: — ó vaso de miserias,
 Alembra-te que és po, e em pó te has de tornar!...

Com sancto horror murmúra a sexta badallada:
 — «Não contes co'os seis dias que inda estam por vir.»
 Tres vezes tóca o sino, á tarde, e por tres vezes:
 — «Tu' hora está visinha», — pude acaso ouvir?...

.....

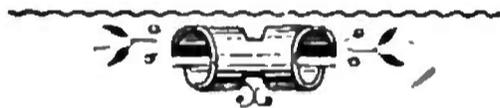
A septima pancada o ar vibra sonóra,
Do Padre-Nosso os sete votos remurmúra.
E diz o oitavo tóque: — subam nossas préces
C'o a myrra que no altar fumega, sancta e pura.

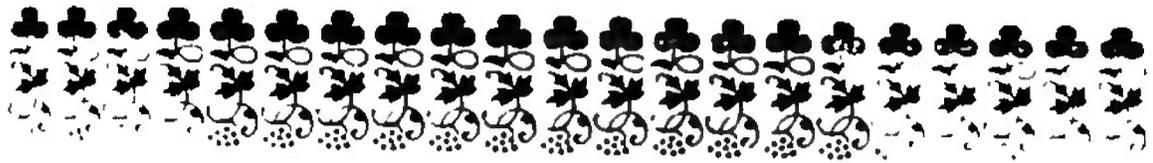
Sê prompto toda a vida, — o nono tóque dice,
Porque debes correr si Deus te dicer: — «Vém!»
Apóz o murmurar do sino, que emudece,
Murmúra a natureza ainda um sancto — «Amen».





PROSA





JUIZO CRITICO

SOBRE AS

POSTILLAS GRAMMATICAE

DE

FRANCISCO SOTÉRO DOS REIS

.....

A obra que agora se faz publica na imprensa, é, senão excepcional, de mui raras antecedencias nos prélos do Brasil, que, força é dizel-o, não se fatigam demasiado em reproduzil-as tão bem pensadas e primorosamente escriptas.

Resumida no volume, porém grande no alcance litterario e scientifico, opulenta dos thesouros de uma erudição vasta e recondita—bebida em leitura mui de espaço e variíssima,—é vasada nos mais puros e elegantes moldes do estylo terso dos classicos. Tal é o livro, marcado com o cunho do vigoroso talento do SR. FRANCISCO SOTÉRO DOS REIS, sobre que vamos, a medo e com a devida vénia, aventurar algumas ligeiras conside-

.....

rações, as quaes, todavia, não se hão de traduzir em méras fórmulas laudatorias de critica louva-minheira, porquanto, para cabal elogio do livro, sobraria o nome auctorisado que o rubrica.

Sabedor profundo da grammatica geral, latinista consummado, leitor assiduo e allumiado cultor da nossa litteratura classica, traductor des-
empeçado e elegante da mór parte das linguas neo-latinas,—eis os traços disseminados, as feições exparsas, que fórmam quasi completa a photographia intellectual do illustre grammatico maranhense.

Tudo isto, com effeito, releva que adune em si quem quer que tomar aos hombros o difficil empenho de compôr, com talento e consciencia, a grammatica da lingua portugueza:—ha de ter conhecimento aprofundado d'ella, e dos escriptores que mais a illustraram:—ha de saber de raiz e cabalmente a philosophia das linguas, ou grammatica geral;—ha de superar todas as difficuldades, possuir todos os segredos da lingua-mãe, ou latina;—ha de, finalmente, traduzir correcta e correntemente as linguas co-irmans e de identica filiação, mórmente a castelhana, a franceza e a italiana.

D'ahi a arduidade de tal trabalho, e a deficiencia, em que temos até hoje laborado, de grammaticas rasoadas e racionaes, como as possuem os francezes e inglezes, e as demais nações cultas, que n'este genero de estados são tão cuidadosas e esmeradas, quanto nós desleixados e incuriosos. D'ahi tambem essa multidão de grammaticas empiricas e irracionaes, estupidamente calcadas sobre as grammaticas latinas,—apontoados informes de regras e preceitos copiados a êsmo e servilmente, mas que pela ventura encontrassem ou repugnassem á natureza e indole do nosso idioma.

.....

E tendiam antes a desvirtual-o, a emmaranhar-lhe o estudo, e empecer-lhe o progresso, sobrecarregando-o, como usavam, de regrinhas miúdas e multiplicadas ao infinito, de sorte que muitas d'ellas, segundo se achavam acabrunhadas sob o peso e numero de suas proprias excepções, dever-se-hiam considerar antes como taes, que como regras.

As grammaticas d'esta ordem, em tão boa hora o dizemos, fizeram o seu tempo, e repoisam em sancta paz nas estantes poeirentas de algum convento em ruinas prestes a desabar, ou no balcão manteiguento de algum erudito e grave quitandeiro, que as vae sabiamente utilizando para papel de embrulho.

Nunca as mãos lhe doam ao bom do justicoso quitandeiro...

Fizeram sua epocha, foram bem vindas, festejadas, admiradas no tempo da maior preponderancia das reminiscencias classicas da Grecia e de Roma, bellos tempos, sem duvida, em que, imperando exclusiva e despoticamente o latim nas aulas e nos claustros, ensinava-se das cathedras magistraes, que—pois a lingua portugueza não era senão a latina levemente modificada e corrompida pela liga de vocabulos e locuções barbaras do godo e do arabico—quanto mais a alatinassem, quanto mais lhe arredondassem o periodo ao modo romano, tanto mais a iriam subindo ao cume da perfeição. Que mais poderiam ellas (as taes grammaticas) desejar?...

Depois... com o rodear dos annos, e porque o espirito humano tem o máu séstro de nunca parar, e de ir sempre mais ou menos acceleradamente na via do progresso, e tambem porque seria uma verdadeira semsaboria, se ficassemos, quando as outras nações se desempoeiravam de seus velhos

preconceitos, a alatinar, por toda a eternidade, o nosso idioma,—viemos por fim a reparar que as duas linguas, bem que identicas na estructura das vozes, ou confôrmação dos vocabulos, são de todo divergentes em outras qualidades mais intimas, e mais inherentes á indole e essencia d'ellas, como são:—no latim, a declinação dos nomes, de que carecemos, e a conjugação dos verbos, diversissima nas duas linguas;—e no portuguez, o emprego do artigo, e a especialidade dos seus infinitos pessoaes, que tanto o distinguem dos demais idiomas.

Eis ahi como se acabou, sem páu nem pedra, com o exercito innumeravel das grammaticas luso-alatinadas.

Fizeram epocha, mas epocha de servil imitação e de tão espantosa e deploravel esterilidade, que, com a publicação de sua *Orthographia*—livro todo inçado de frioleiras e puerilidades, lardeado de observações néscias e atoleimadas, e de preceitos arbitrarios e incriveis á força de futilidades—conseguiu MADUREIRA fundar escola, angariar proselytos, discipulos e entusiastas, que lhe citassem a auctoridade e o nome com respeito e acatamento!

Qual não seria, portanto, a revolução causada pela publicação da *Grammatica Philosophica* de SOARES BARBOSA—obra, cujo titulo era tal novidade, que devia só por si ter feito um reviramento completo, assim como devia ter topado uma opposição ferrenha nas idéas e opiniões até ali recebidas? O humilde escrevedor d'este artiguinho desbotado apprendeo o latim sob um respeitavel ancião—homem aliás douto, cuja memoria era um museu de curiosidades gregas e romanas—ante quem se não podiam proferir estas duas palavras *Grammatica Philosophica* sem que elle se não desmanchasse em estrepitosas e successivas gar-

galhadas, porque, no seo entender, eram duas palavras *qui hurlaient de se trouver ensemble*.

O que, como é facil de ver, nem se quer um apice agorentava do merito intrinseco e subido valor scientifico da obra de BARBOSA, que, na verdade, foi um dos maiores serviços, n'estes ultimos tempos, feitos á lingua e letras portuguezas.

Nem, tam pouco conseguiu deprecial-a a publicação da *Grammatica Analytica* de CONSTANCIO, bem que escripta com animo hostile e nimiamente sevéro para com JERONYMO SOARES, e os outros grammaticos anteriores.

A de CONSTANCIO é antes uma grammatica geral, em que elle expende e discute largamente as mais abstrusas theorias, e, para cumulo de sem-saboria, forceja por dobrar ou torcer todos os factos grammaticaes—ainda os mais rebeldes—a um systema, que inventou, senão paradoxal, arriscado e temerario. Pouco lido nos classicos, cujas obras immortaes, por mais que trace disfarçar, desdenha, CONSTANCIO detém-se demasiado por entre as nuvens do seo systema, e só se humana e desce á grammatica portugueza, quando, com o semblante carregado, tom dogmatico e férula em punho, chama a contas e racha de quináus o velho BARBOSA e ANTONIO DE MORAES E SILVA, seo antagonista e antiga víctima de seos desdéns lexicologicos.

Demais, CONSTANCIO não soube evitar o escôlho, em que teem naufragado, uma apóz outra, todas as nossas grammaticas. Como todas as outras, a sua tracta com a maior individuação e minudencia d'aquellas partes da grammatica, mais ou menos identicas nas outras linguas, que se pódem commodamente traduzir de alguma d'ellas, e com pequenas modificações adaptar á nossa; entretanto que da parte syntaxica e da construcção, que se

occupa das questões mais intimas e mais inherentes á indole e genio de cada idioma, não ha tratar detidamente e por miúdo, mas a traços largos, rapidos, fugitivos, e por vezes falsos.

N'isto, sobretudo, é que SOARES BARBOSA deixa mui longe atrás de si, e leva completamente vencida o medico e amigo de FYLINTO ELYSEO. Mas ainda assim, e não obstante a reconhecida superioridade de JERONYMO SOARES sobre CONSTANCIO e os outros na parte syntaxica, é que passada de gigante não medeia entre a sua *Grammatica Philosophica* e as *Postillas de Grammatica Geral* do SR. SOTÉRO?

E, com effeito, quando passamos d'aquelle estylo pesado, confuso e embryonario do professor de Coimbra para a leitura das amenas paginas animadas pelos tóques magistraes do estylo cheio, firme e egual do eximio escriptor maranhense, quando d'aquelle cháos grammatical passamos para este primor de ordem, methodo e perspicuidade, parece-nos que subimos de um labyrintho subterraneo e tenebroso para a orvalhada e frescura de uma manhan rica de fragrancias e esplendores.

Pena é, que o estreito e acanhado espaço, de que dispomos, nos não permita fazer circumstanciadamente e ponto por ponto a analyse d'este tão succulento trabalho, que, com ser vestido das fórmulas litterarias as mais amenas e primorosas, é, nada menos, deduzido com a maxima clareza e rigor logico das demonstrações geometricas. É posto que nos hajamos de restringir a mui breves e limitadas considerações geraes recommendando, em globo, á nossa mocidade tão esperançosa e rica de talentos, a leitura attenta e meditada das *Postillas*, não sera isso parte para que lhe não chamemos a attenção para os paragraphos—ver-

dadeiros modelos de methodo, perspicuidade e fina observação—em que o auctor, com sua costumada mestria, trata do emprego do pronome indefinido *Se*, — do emprego do verbo *Ser* pelo verbo *Estar*,—do emprego do adjectivo demonstrativo *O*,—e de tantas outras questões, que poderíamos ir apontando, si não temessemos fazer um indice do livro, querendo apenas expôr á luz o melhor d'elle.

Não concorre pouco para tornar amenas e perspicuas as questões grammaticaes—de si tão aridas e rebarbativas—a esplendida exemplificação, constando dos melhores trêchos ou lances dos mais eminentes d'entre os nossos escriptores classicos, com que o SR. SOTÉRO tanto enriqueceo e auctorisou o seo trabalho. Assim, no meio d'aquelle concerto olympico e divinal, em que os sons guerreiros da tuba epica de CAMÕES se confundem com as arrojadas harmonias da lyra sonora de FYLINTO, e com as graves e religiosas notas do psalterio biblico de SOUZA CALDAS, os preceitos e regras grammaticaes vam-se incutindo e encarnando suavemente no animo, e bracejam, sem custo nem demóra, fundas raizes na memoria dos que aprendem. Todavia, com quanto os exemplos, que são a pratica, aclarem muito mais que os preceitos, que são a theoria, comquanto os trêchos adduzidos para a exemplificação possam mui bem servir para outros tantos modelos de analyse, e sejam, como diz ARRAES, os lumes e os esmaltes da eloquencia classica,—temos para nós que o mestre excedeo o modo, quando abundou não sómente, mas superabundou n'elles.

Defeito aliás levissimo, que não pôde mairiar o incontestavel merito da obra, pois nada mais é que o encarecimento de uma de suas melhores partes, ou dotes.

.....

¿Que diremos nós dos preciosos juizos litterarios, que o auctor espargio com mão profusa na contextura do seo livro?

¿Serão descabidos e inoportunos?

O proprio SR. SOTÉRO responde, na sua introdução, a tal duvida, ou pergunta.

E dado que o sejam, a nossa litteratura é tão deficiente e pobre de escriptos sobre critica e historia litteraria, que os juizos de um tal e tão abalisado litterato seráo sempre bem vindos e festejados — opportuna ou inopportunamente emitidos.

Seja, porém, como fôr, o valor do serviço prestado pelo SR. SOTÉRO á lingua portugueza sóbe de ponto, e as suas modestas *Postillas* tomam as proporções de um livro verdadeiramente novo, precioso e de alcance pratico incalculavel—pois parecem destinadas a operar a regeneração d'ella, —quando na quarta e quinta secções se trata da estructura do periodo grammatical. A' mingua de um bom tractado de construcção portugueza, é que a lingua franceza—admiravel instrumento aliás e vehiculo da moderna civilisação, á qual devemos, a outros respeitoes, impagaveis serviços,—foi lavrando e embebendo-se, como nodoa de oleo cheiroso em téla assetinada, no nosso formoso idioma, que mais e mais se barbarisa e abastarda.

Um, ou outro, ou ainda muitos vocabulos adoptados do francez, que cabem bem na lingua, necessarios, sonorosos, e expressivos, não a deturpam por certo, e nem é n'isto que consiste o gallicismo, são antes donosos neologismos, com que ella rime as suas necessidades e escacezas, e opulenta-se. A viciosa coordenação dos termos da oração, a errada collocação dos complementos na proposição, e das proposições no periodo, o tecer, em summa, o discurso, dando-lhe o meneio e gei-

tos da construcção franceza.—eis ahi o gallicismo tôrpe, barbaro e vergonhoso, de que devemos fugir.

Si já houvesse um bom tractado de construcção portugueza, não baldára FRANCISCO MANOEL, na guerra que emprehendeo contra o gallicismo, os esforços titanicos de seo peregrino engenho e rara erudicção, amontoando, no decurso de sua tão longa vida, ode sobre ode, satyra sobre satyra, epigramma sobre epigramma. As odes eram grandiloquas e sublimes,—a poesia lyrica ainda não teve surtos mais altaneiros; as satyras, adubadas de sal attico, emulavam na vehemencia com as de Juvenal, com as de Boileau no facêto e no judicioso; e os epigrammas tinham a ponta acerada e bem aguçada, e dardejava-os mão amestrada e certa, que nunca errava o alvo, nem frustrava tiro.

E, não obstante, ia o gallicismo por diante, na sua marcha vandalica, abastardando e barbarizando a formosa lingua de CAMÕES e SOUZA CALDAS.

¿ Por que é que isto assim acontecia?

¿ Porque é que FYLINTO, que pugnava pela causa mais justa e rasoavel, e rude batalhador descia á liça com armas da mais fina tempera, retirava-se, senão vencido, não vencedor?...

E' que a semente, que se lançava á terra, era excellente e de primeira qualidade; mas, a terra é que não estava revolvida e convenientemente agricultada para recebê-la. E' que os contemporaneos de FYLINTO não estavam devidamente preparados para apreciarem os divinos raptos do seo éstro immortal, que, além d'isso, traduzia-se em odes admiraveis da mais pura linguagem quinhentista, linguagem, no entender da mór parte dos seus contemporaneos e adversarios, inculta, obsoleta e rebarbativa.

O'ra, si FRANCISCO MANOEL não poude esmagar o gallicismo sob o peso dos seos volumes monumentaes, força é confessar que a arma de que lançou mão, o methodo de que se servio, não eram os mais azados e apropriados para a consecução do fim desejado.

Assim é. Nas escholas de primeiras lettras, com grammaticas, que ensinem todos os segredos da construcção, e resolvam todas as difficuldades, e expliquem todos os idiotismos da lingua, como faz o livro do SR. SOTÉRO, é que se ha de debellar o monstro litterario, que ameaça devorar-nos a lingua.

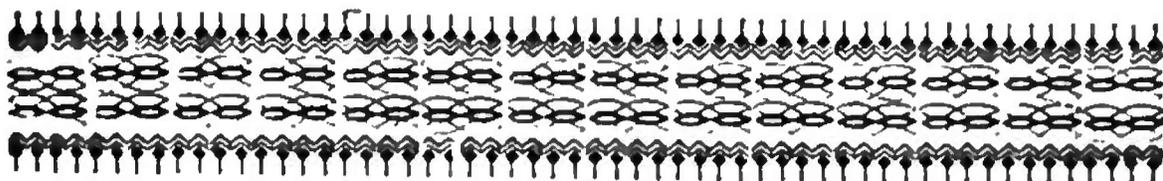
O SR. SOTÉRO, pois, com a publicação das suas *Postillas*, fez um relevantissimo serviço ás lettras patrias, á instrucção publica, e, especialmente, aos amantes e estudiosos da lingua vernacula, que possuem agora uma bussola com que se guiem na leitura, tantas vezes aparcellada e naufragosa, dos classicos.





NOTAS





A.

A' respeito das satyras de TRAJANO, diz o mallogrado JOAQUIM SERRA nos seos *Sessenta annos de jornalismo*, ás pags. 90:

TRAJANO GALVÃO, escrevendo para o *Diario do Maranhão* varias cartas em versos satyricos, no gosto do Tolentino, iniciou um genero que teve muitos e bons cultores. As cartas de TRAJANO, referindo-se a acontecimentos do dia, glozando-os com chiste, e traçando retratos de varias figuras muito populares, produziram certa sensaçã) no espirito publico, e seos folhetins epistolares, rimados com engenhosa originalidade, adquiriram immensa voga.

B.

A proposito dos escriptos em prosa do illustre litterato, que tanto primou entre os seos contemporaneos, diz o eminente author do *Pantheon Maranhense*, ás pags. 394 do 2.º volume d'esta importantissima obra:

Além do *Juizo Critico*, conheço d'elle apenas uma critica chistosa de uma sessão da Assembléa Provincial do Maranhão impressa no *Progresso*, em 1860, e um folhetim no *Diario do Maranhão* (1856), motejando d'um fogo de artifício por occasião da novena de N. S. dos Remedios.

C.

Analysando esta primorosa poesia, incontestavelmente uma das mais características de TRAJANO GALVÃO, fal-o o illustre Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, autoridade da maior competencia, nos seguintes termos, que apráz-nos transcrever das pags. 211 do 2.º vol. do seo *Panthcon Maranhense*, já citado :

De todas essas poesias, nem uma me parece mais delicada e graciosa do que a — *Crioula*. E' uma verdadeira canção vasada nos moldes de Béranger, sobresahindo n'essa pintura tão fiel e feiticeira a verdade de um typo nosso. ; Quem é que, tendo visitado nossas fazendas de lavoura, e que ao ler essa canção, se não recorda de ter assistido o quadro debuxado tão ao vivo e com tanta singeleza e primor ?

A escrava, arreiada de suas vistosas galas, e a pular-lhe prazer do rosto e do seio, esquece-se do captiveiro, toda embevecida nos ruidosos folguedos da noite do sabbado. No terreiro da *Fasenda*

estam sentados os musicos em tres troncos de arvores, de diversos comprimentos e diametros, ôcos e mal desbastados, cobertos de um lado de couro de boi destendido :—são os tambôres, os instrumentos musicos, imitados d'Africa. N'elles tangem esses *professores* bóçaes e rudes com os punhos e os dedos de ambas as mãos, e os afinam ao calor da fogueira. Os escravos de toda a redondeza acham-se alli reunidos, convidados por esses sons fortes e estrugidores que atroam longe e lhes afagam os ouvidos e os alegam. Fórmados em circulo mais ou menos extenso, pulam suas danças que acompanham de cantilenas tão rusticas quanto o são os sons asperos e irregulares dos tambôres. São as delicias do infeliz africano essa vertiginosa rotação de calcanhares, esse movimento de quadrís e nadegas, esse bracejar desordenado, esses esgâres e mômos, executados emquanto rodeia o circuito todo e termina cada um a sua vez de dança por dar uma embigada, a que chamam *punga*, em um dos circums-tantes, que o substitue n'esse extranho e fatigante exercicio choreographico.

D.

A proposito das traducções poeticas de TRAJANO diz o seguinte o Dr. Antonio Henrique Leal, na biographia de Gonçalves Dias :

De todas as versões, que havia Gonçalves Dias colleccionado para os seus volumes de ECHOS D'ALÉM MAR, nenhuma

.....

tinha em melhor conta do que as do nosso comprovinciano DR. TRAJANO GALVÃO LE CARVALHO, tão bom poeta, quanto philologo aprimorado, e que, do pouco que produziu no seo curto perigrinar n'este mundo, não ha que desdenhar por somenos. Tenho para mim que presto algum serviço aos amantes das boas letras com vulgarisar as traducções poeticas de TRAJANO, que encontrei entre os manuscriptos de GONÇALVES DIAS.

.....

Não nos foi possível obter para esta collecção, como desejáramos, as cartas satyricas publicadas por *Trajano*, em 1856, no *Diario do Maranhão*, a que tão encomiastica referencia faz JOAQUIM SERRA, nem o chistoso folhetim do *Progresso* (1860) descrevendo uma sessão da então *Assembléa Provincial*, hoje *Congresso*, do Maranhão.

As duas satyras, porém, incluídas n'esta collecção e o magistral *Juizo Critico*, que a fecha com chave de ouro, sobram para revelar á nova geração litteraria do paiz quão primorosa era a penna do saudoso poeta sertanejo das margens do Alto-Mearim, tão prematuramente roubado ás letras patrias no alvorecer apenas da bella maturidade do seo peregrino talento.



INDICE



	PAGS.
'Advertencia dos Editores.....	VII
Prefacio do Dr. Raymundo Corrêa.....	IX
Traços Biographicos.....	1

POESIAS ORIGINAES :

O Brasil.....	11
O Calhambola.....	15
A Crioulã.....	19
A' Morte (ao Dr. J. R. de Carvalho).....	21
N'um Album.....	25
No Roçado.....	29
A Arvore Americana.....	31
O Natal.....	35
N'um Album.....	39
Dcepção.....	41

	PAGS.
A' morte de J. Pinto Lisboa.....	43
No Album de B. Sampaio.....	45
A' morte de uma menina... ..	47
Olinda	49
A' morte do Dr. Ed. Olympio Machado....	55
Soláo	57
A' morte do Brigadeiro Falcão.	65
Nuranjan.....	69
A Lua.....	73
Sultão e Eunuchos	77
O Nariz Palaciano.....	79

TRADUÇÕES :

Moysés no Nilo (Victor Hugo).....	85
A Filha de Jephté (A. de Vigny).....	89
Moysés (A. de Vigny)	93
A' morte de J. B. Rousseau (Pompignan)..	97
O Caçador e a Leiteira (Béranger).....	101
Os Mandamentos do Crepusculo.....	103

PROSA :

Juizo critico sobre as <i>Postillas Grammaticas</i> de Francisco Sotéro dos Reis...	109
Nótas.....	121



ERRATA

Apezar do apuro com que procedemos ao preparo da presente edição d'este livrinho, escaparam alguns erros, devidos uns — os principaes — ás cópias manuscriptas de algumas das poesias, nunca revistas pelo proprio poeta, e outros — de somenos importancia, felizmente — á revisão typographica.

D'entre os primeiros salienta-se a falta, na 4.^a estrophe da bellissima poesia O CALHAMBOLA (pag. 16), do seguinte 9.^o verso :

Que esbraveja, que brame acuada;

e, d'entre os outros, os seguintes :

A's pags. 12, verso 33.^o, — *Arcanjo* em vez de — *Archanjo* ;

A's pags. 19, verso 18.^o, — *cansa* em vez de — *cauça* ;

A's pags. 26, verso 14.^o, — *seva* em vez de — *ceva* ;

A's pags. 30, verso 10.^o, — *chama* em vez de — *chamára*.

807

EDIÇÕES

DA

IMPRENSA AMERICANA

- ARITHMETICA PRIMARIA — para uso do 1.º anno dos Gymnasios Nacional e Estaduaes — pelo Dr. Aarão Reis, 1 vol. em 16, cartonado..... 5\$000
- TRIGONOMETRIA ESFERICA — de Ed. Dubois, trad. do Dr. Aarão Reis, 1 vol. em 16, cartonado..... 5\$000
- TRIGONOMETRIA RECTILINEA — pelo Dr. Fabio Hostilio de Moraes Rego, 1 vol. em 16, cartonado..... 4\$000
- LIÇÕES DE MACHINAS — pelo Dr. Paulo de Frontin (ed. da *Revista da Escola Polytechnica*), 1 grosso vol. em 8.º de 240 pags. brochado..... 1\$800
- O JAGUNÇO — revista theatral de Arthur Azevedo, 1 folheto..... \$500
- O BALEJO — comedia em verso de Arthur Azevedo, 1 vol. em 16. brochado..... 1\$800
-

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).